

Mulheres das Ervas

ISSN | 1983-2354 v. XIV, n. 39 ago. 2021

revista **af r i c a**
de **af r i c a n i d a d e s**

MULHERES DAS ERVAS

ANTOLOGIA DE CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS



COLEÇÃO TERRITÓRIOS LITERÁRIOS

Organização

Nágila Oliveira dos Santos

Conselho Editorial

André Luiz dos Santos Silva

Ernani Silvério Hermes

Márcia Neide dos Santos Costa

Nágila Oliveira dos Santos

Plínio Camillo

MULHERES DAS ERVAS

ANTOLOGIA DE CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS

Quissamã – 2021



Mulheres das Ervas: antologia de contos, crônicas e poemas

Copyright © 2021 Revista África e Africanidades

Todos os direitos reservados a Revista África e Africanidades e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência.

Direção Editorial: Nágila Oliveira dos Santos

Projeto Gráfico e Diagramação: André Luiz dos Santos Silva

Capa: João Vitor de Sena Campos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M956

Mulheres das Ervas: antologia de contos, crônicas e poemas / Organização : Nágila Oliveira dos Santos Quissamã: Revista África e Africanidades, 2021. 212 p. (Coleção Territórios Literários)

ISSN: 1983-2354

1. Literatura Brasileira 2. Coletânea 3. Literatura Negro-Brasileira

CDD B869.8

André Luiz dos Santos Silva – Bibliotecário – CRB-7/7045.

Editora Revista África e Africanidades
Rua Ângelo Silva n. 288 - Alto Alegre – Quissamã
RJ/ CEP: 28.735-000

E-mail: editora@africaeaficanidades.online
www.africaeaficanidades.online

APRESENTAÇÃO

Salve nossas mães ancestrais!

Salve nossas orixás, inquices, voduns, caboclas, pretas-velhas e encantadas!

Salve nossas mulheres dos terreiros!

Mãe Menininha, Mãe Beata, Mãe Stela de Oxóssi, portadoras de axé, olhai por nós e guiem nossas vozes!

Salve nossas mulheres rezadeiras, erveiras, cacicas e pajés!

Salve nossas mulheres dos quilombos e aldeias!

Salve nossas mulheres das matas e florestas!

Putani, Hushahu, Sonia Guajajara, Arissana Pataxó, Telma Taurepang e Eliane Potiguara que nossas vozes se unam contra o mal que nos rodeia!

Salve nossas mulheres dos campos, cerrados, restingas e das caatingas!

Salve nossas mulheres quebradeiras e raizeiras!

Salve nossas mulheres que mantêm vivos os saberes!

Mulheres que possuem o dom da cura, da escuta e de fazer germinar sementes e raízes.

Que as letras tragam o frescor da Alfazema das Iabás!

Que as letras renovem as energias como a Dormideira de Iansã!!

Que as letras tragam o equilíbrio da Laranjeira e da Alfavaca de Oxum e levem o mal como o Jambuaçu!

Que as letras nos deixem respirar como o Alecrim de Oxalá!

Que as memórias fortaleçam nossas lutas como as espadas de Ogum!

Que as memórias nos protejam contra os inimigos como a espada de Santa Bárbara e Comigo-ninguém-pode de Xangô!

Que as memórias cicatrizem nossas feridas como a arruda de Oxóssi e Exu!

Que as memórias se transformem em poderosos cantos-poema como a acariçoba de Oxum!

Que as vozes tragam acalanto como a cidreira de Nanã!

Que as vozes tragam a sabedoria de Obá!

Que as vozes potencializem transformações como as folhas de Euá!

Que todas as vozes trazidas aqui sejam instrumentos de preservação da memória, resistência e luta!

Que a leitura de Mulheres das Ervas nos guie no combate ao epistemicídio e genocídio!

Nágila Oliveira dos Santos

Sumário

PARTE I - ENTRE CRÔNICAS E CONTOS	12
ANA MENDES.....	13
Por entre as florestas	15
BERNADETE MARIA DA SILVA	19
Um chazinho para a dor da saudade.....	21
CHRIS JONES.....	25
Mãiu-di	27
EDY JUSTINO	29
Com ervas e com afeto	31
ELISABETE VITORINO VIEIRA.....	36
Maria rezadeira.....	38
ELISEU BANORI	41
Seu Joaquim, o homem de suru	43
FABIANA HELENA DA SILVA	49
Dona Josefa, a rezadeira da Baixada.....	51
FÁTIMA BETTENCOURT.....	55
Uma mulher do mato	57
FERNANDA LUIZA.....	62
Pinta no nariz	64
HELENA MONTEIRO.....	67
O conto das ervas benditas	69

LUANA PASSOS.....	73
Viva, Maria – a mais bonita!.....	75
MERIDALVA GONÇALVES DE SOUSA.....	79
Os raminhos de dona tetê	81
NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS.....	87
Qual erva usar?	89
NELSON ANTONIO PINHO SANTOS.....	91
Fé no ramo pra passar	93
NERIZE PORTELA MADUREIRA LEONCIO.....	97
Abrindo o véu	99
PAULA ANIAS.....	102
Reza de Bia, pra tirar mufina, mandinga e olhado	104
PITUKA NIROBE.....	105
A guardiã da flora	107
POLLY FERREIRA	112
Curandeiras do mato	114
RITA QUEIROZ	120
Dinha Maria	122
SIMONE MELLO.....	124
Saber ancestral	126
Cultivando as ervas	127
THAÍS COSTA DE FREITAS	124
Um episódio que marca	127
PARTE II - ENTRE POEMAS E CANTOS-POEMAS	127

ALESSANDRA MARTINS	138
Jurema Preta.....	140
ALEX PEREIRA DE ARAÚJO	142
Makota Valdina e as folhas dos inquices	144
Quebra-feitiço	145
ANA PAULA MELO DA SILVA	147
Eu que te benzo, Deus que te cure	149
ANA SOARES	151
Me reza um canto.....	153
ANGÉLICA APARECIDA SOUZA	153
Eu	157
CARMEN SANTANA	159
Reza um rio em folhas de bençãos.....	161
Banho, reza e fé.....	162
CLAUDIA D'ARC	163
Griô esquecida.....	165
GILDA PORTELLA	167
Tia Bastiana Velha	169
Vó Maria.....	170
GLEICE FERREIRA	171
Ana	173
JEOVÂNIA P.	174
Princesa das ervas	176
JOJO CAMPOS	177

Dona Chica.....	179
Dona Tieta	180
Vovó Maquita.....	181
JULIA D’OXUM.....	182
Os orixás no meu caminho, o caminho que eu trilhei	184
LILIAN SANKOFA	186
Menina bonita cadê seu laço de fita?	188
MARCINHA COSTA	189
A dona das ervas.....	191
MARIANA FERNANDES DOS SANTOS	193
Das ervas à vida.....	195
MAZA DIA MPUNGO	196
Parir	198
RICARDO LUIZ DA SILVA FERNANDES.....	199
Ela’s que cura.....	201
VANESSA CAROLINE SILVA SANTOS.....	206
No tabuleiro da africana tinha mais que akará.....	208
SHIRLEY PINHEIRO.....	212
Ancestralidade que cura.....	214
VALÉRIA BARBOSA	216
Dr Ossain	218

ENTRE CRÔNICAS E CONTOS



ANA MENDES

*“Hoje ela estava para lá da
mata, para lá das plantas,
longe das ervas...longe das
dores da Gracinda...das
dores dos outros”.*

ANA MENDES



Ana Mendes é luso-angolana e helveta, escritora romancista e poetisa, iniciou a escrita com os seus dois filhos e mais tarde para um público adulto. Autora de 2 livros: *A Rosinha e o Cardo selvagem* em francês e português e *Les Secrets de Sansense* em francês. É membro académica da ALALS (Suíça),

NALAP (Port), NAISLA (Ital), ALSPA (Bra), AIL.OS (Bra).AIML (Bra) e ABARS (Bra). Co-autora em 41 Antologias na França, Bélgica, Itália, Suíça, Portugal e Brasil. Recebeu 1º lugar (conto e crônica) pela AJEB-RJ e FALARJ-RJ (2020), Menção honrosa pela RSFronteiras 2020 (poesia). Prêmio artístico literário (2020) Portugal/Brasil. É jornalista correspondente para o E-jornal Magico de Oz e NALAP.

Por entre as florestas

As dores começaram a intensificar-se, parecia ter decomposto o corpo em três partes...a cabeça apavorada latejava, as costas queriam leva-la à loucura e as pernas começavam a não obedecer e cada passo pedia-lhe o suplício . Ela queria urinar ou talvez não...e vomitar de tanta torção no seu ventre e sozinha não queria ir para a casa de banho. Mal conseguindo respirar entre contrações e gemidos, Gracinda chegou até ao quintal.

Chamou primeiro baixinho pela vizinha , mas pouco a pouco o medo foi-se apoderando dela e dos gemidos, gritos encheram a noite, todos saíram até ao quintal.

O Chiquinho, menino esperto esquivou-se das saias da mãe e foi logo procurando saber o que se passava. As mulheres curiosas compreenderam que a hora havia chegado. Mas ainda assim faltava uma lua. O melhor era apressar o passo e foram se aproximando uma após outra.

Ela clamava pela Talaíde, para que ela viesse logo. As outras entreolharam-se e para não a assustar confirmaram a sua chegada, mas sem deixarem de rezar.

A Talaíde, sábia conhecedora de cada planta curadoura, era a parideira do sítio e para lá da floresta também. Dores de cabeça...vai á Talaíde. Dores nas costas...Talaíde trata. Dores tortas... Talaíde faz um banho. Sangramentos que duram... Talaíde tira. Amor que partiu...Talaíde trata, fala e ele volta. Criança que não dorme...Talaíde faz massagem e adormece.

Mas hoje ela não estava ali! Hoje ela estava para lá da mata, para lá das plantas, longe das ervas...longe das dores da Gracinda...das dores dos outros.

Talaíde foi enterrar o único filho e não voltou.

Os gritos tornaram-se intensos e gracinda não se controlava mais...

A Lena lavadeira segurou-a pelos ombros e a levou para dentro, a Maria Doce foi tratar das águas no lume e arranjou uns trapos limpos para a chegada do bebé.

O chiquinho curioso foi-se aproximando pé ante pé, mas depressa foi apanhado e escorraçado dali pela Tais do Peixe. A Zefa chegou transpirante com a tesoura já queimada e o desinfetante da farmácia, que ela guardava religiosamente no armário do seu quarto, só para as urgências urgentes. Senão era o bálsamo de soja e alecrim com argila, que ela utilizava. O vinagre para as picadelas de mosquito e o crême de eucalipto e hortelã brava para o peito das crianças, até para os bebés.

As coisas estavam a ir devagar demais e essa criança precisava de sair rapidamente, a lua já estava bem alta na noite e os homens já se tinham ido deitar.

Os animais velavam e não dormiam...Olhos brilhavam no escuro como alarmes que espreitam um alívio, mas ele não veio.

Gracinda já sem forças soltou-se dos medos e deixou-se embalar...Já não sentia quase nada ou talvez mesmo tudo. Mas de outra forma, mais aliviada, como se já não fosse com ela. E as vozes estavam tão longe e por que corriam todas elas em volta do corpo machucado, ensanguentado?! Ela queria ir embora dali agora...e foi.

Viu a noite no seu esplendor, as estrelas todas alinhadas em silêncio e a lua abria um cortejo até ao infinito e ela Gracinda, sobrevoava tudo aquilo...Lindo.

Quase podia tocar nas folhas do cume das árvores e no escuro via a terra lá em baixo e os animais que lhes chamavam de feras.

Uma coruja soltou um grito e ela assustou-se e baixou até às águas do rio que deslizavam de mansinho e ali viu pirilampos que sobrevoavam algo escuro...era raro e bonito. A cachoeira continuava na sua lida e os barulhos das águas batendo nas rochas em baixo eram agora mais mágicos e intensos...E a terra dormia e Gracinda voava...

Avistou luzes que cintilavam e pareciam chama-la e deixou-se transportar por perfumes e sons jamais ouvidos, jamais inalados...e amou tudo isso.

Esse novo mundo era suave...era doce sem mel, cheiroso sem flôr... um pouco como quando se ama. Doação sem esforço, entrega sem demora, apenas amor. Gracinda amou. O seu homem, seus filhos e mesmo o que trazia tanta dor.

Uma voz a chamou de volta e ela virou-se, mas não via ninguém. Gracinda volta...Gracinda volta...Talaíde a chamava e a surpreendeu...O que fazia Talaíde ali com ela? Porque a chamava com tanta urgência? Que bom que voltou, agradeceu sem falar. E sentiu as mãos ligeiras, dedos longos e calejados, um olhar de mãe com saudade e aquele abraço sem laço...apenas comunhão...Volta Gracinda...Volta Gracinda...

O sussurro no ouvido parecia melodia de anjos e sem entender bem porquê, Talaíde a soltou e numa tontura lhe murmurou:

Ainda não é hora, um dia será. Volta Gracinda, volta e agradece a Akwanduba, que encanta Anhangá enquanto dança.

Gracinda volta que Jaci te guie e ilumine o caminho da noite até á tua vida.

Naquela despedida dolorosa, Gracinda sentiu o ventre que rompia por dentro e o alívio súbito lhe fez esquecer a mágoa e entre o grito da criança e as lágrimas do regresso...Gracinda voltou...

As mulheres começaram a cantar enquanto tratavam dos dois e num suspiro de agradecimentos Gracinda soube que tinha dito adeus para sempre a Talaíde...já morta.

A Talaíde mulher de coração verde, de mãos de fada ou doende, de sabedoria imensa...Que partiu numa noite de lua negra, como a tristeza que trazia nela, por um filho que fugira nos céus sem ervas, sem remédio...por entre as florestas.

BERNADETE MARIA DA SILVA

*“Desde cedo via minha
matriarca buscando sanar
os males do corpo com as
santas ervas”.*

BERNADETE MARIA DA SILVA



Berna Silva é professora aposentada com atuação na Educação Básica das redes públicas municipal e estadual de Pernambuco. É mestranda em Culturas Africanas da Diáspora e dos Povos Indígenas e contadora de história com ênfase nas literaturas dos povos originários e tradicionais

Um chazinho para a dor da saudade

Nasci na capital pernambucana, mas sou revestida por uma alma interiorana. Aprecio o linguajar brejeiro, o jeito de se trajar, a hospitalidade. A culinária sempre bem-preparada e servida com muita generosidade: galinha à cabidela, bode, cuscuz, batata doce; macaxeira, inhame, feijão de corda, molho de pimenta caseiro e outras coisas. Além do bolo quentinho, com café coado, de aroma inconfundível e atraente. Servido no bule reluzente, não tem melhor.

Mulesta do cachorro, infeliz das costa oca, trepeça e outras expressões que não me saíam da boca, mas penetravam os ouvidos. Outras, consideradas palavrões, não me atrevia sequer a pensar, quanto mais falar, pois, uma vez proferidas, aguentaria um ovo quente na boca. Era o castigo ou ameaça das mães mais antigas ou mais bravas, como queiram. A verdade é que essa era a lei a ser cumprida. Coisas do nosso repertório das bandas de lá.

Dos meus pais tenho traços físicos de um e de outro, de forma bem equilibrada. Costume, da mesma forma, tem muito dos dois. Mas há algo muito forte que herdei da minha mãe: acreditar no poder medicinal das plantas. Algumas experimentei e outras não. Certamente não necessitei.

Desde cedo via minha matriarca buscando sanar os males do corpo com as santas ervas.

-Vá buscar muçambê nas campinas! - Ia às carreiras. Meu irmão estava cansado. O chá da flor do muçambê é para asma. Criança é muito chegada a esse mal. O chá de sabugo também de muito uso para doenças respiratórias e outras cosas.

Não tinha ainda o Google para perguntar. As buscas eram feitas entre as vizinhas, que logo diluíam as dúvidas ou dividiam as crenças. Assim fui crescendo e aprendendo.

Chá de erva cidreira, muitas vezes substituto do café, é para acalmar. Minha tia, que tinha muitos filhos usava. Não sei se para alimentá-los ou porque não dava conta de tantos.

Chá de cebola xexem, arrastava tudo, quando a tosse era brava. Mastruz puro era para verme e com leite para tosse. Hortelã miúda e graúda. Opa! O da folha pequena, com mel, era utilizado para destruir as amebas. Bichinha ruim de ir embora! Só valia se tomasse em jejum. Com o da folha grande fazia lambedor.

Na própria família esses saberes se multiplicavam. Não se falava de que escola eram essas lições, mas repartiam muito bem o que sabiam. Que gostoso o chá de eucalipto! Com um banho quente a febre logo desaparecia. O chá de colônia também era utilizado para combater as altas temperaturas do corpo. As flores, misturadas com álcool, resolviam as dores de cabeça.

Não me lembro da incômoda dor de ouvido, mas o sumo de arruda com leite de peito resolvia. Ela também servia para espantar mal olhado.

Assim cresci e fui aprendendo a usar e a ensinar. No mundo das ervas, se brincar, todo mundo é doutor e doutora.

Escapei do chá de cebola branca. A primeira menstruação apareceu aos 14 anos. Minha mãe já comentava com as vizinhas que achava que eu era “tapada”. As outras meninas “estouravam o fel” com dez ou doze anos.

O alívio de não ter que tomar o tal chá veio junto com a vergonha de já estar espalhado entre as senhoras da vizinhança

que eu havia “hasteado a bandeira”. Esse era código utilizado entre elas para avisar quando alguma menina menstruava pela primeira vez. Nunca precisei usar o chá de Veiga morta, mas era muito procurado para as cólicas menstruais.

Somando-se às lições de casa, as das tias, vizinhas, tornei-me adepta dos remédios caseiros e hoje busco na internet que salvou os arquivos de tantas que já se foram e repassaram para alguém, que repassou e assim foi se espalhando.

-Você ferve o leite, amassa um dente de alho, coloca no leite e abafa. Come um pouquinho de açúcar para assanhar as bichas e toma antes de dormir.

-E elas saem mesmo, tia?

-Inteiras.

Não desacreditei da tia tão sábia e resolvi testar a receita. No primeiro dia, nada! No segundo, a surpresa!

-Não tomo mais! –A bicha saiu, sim, senhora! Inteira e viva, se mexendo! Branca. Enorme!

Para verme tia não tinha melhor remédio. Vi que o danado é mesmo eficaz. Se alguém não acredita, convido a fazer o teste.

Um dia me surpreendi ao saber da origem indígena no uso das plantas medicinais. Depois vi livro Kabá Darebu, de Daniel Munduruku. Encontrei ali aquelas coisas que as mulheres da minha família e vizinhança faziam.

Soube também que as negras que vieram escravizadas do continente africano para cá, cada uma trouxe do seu país um monte de sabedoria. Desde aquela época já sabiam que planta cura. Muita coisa que a gente sabe vem de muito longe.

Lembro que nos tempos de criança: adultos e crianças quando adoeciam eram levadas para rezar. A benzedura era com galho de pinhão roxo. Às vezes a gente ficava por perto tentando entender o que diziam, mas era rápido e baixo. Só sei que a mão se movimentava ligeirinho. A planta saía murchinha. Depois vinha o diagnóstico:

-Olhado de homem! Olhado de mulher! Virgem Maria! -
Só sei que logo em seguida a meninada tava pronta para correr e brincar. Nem parecia que estavam molinhas!

Fui vendo essas coisas e aprendendo também a repassar. Vi na net, muita coisa que minha mãe conhecia. Alecrim cura até depressão ouvi dizer. Sei que dá um soninho gostoso. Chá de casca de cebola também alivia as pessoas deprimidas.

O interessante é que não me recordo, de jeito nenhum, de alguém ter falado em um chazinho para a dor da saudade. Aquela saudade dorida que arde no peito da gente. Não vi em nenhum manual. Não sei se usam a folha ou a raiz. Talvez a planta não seja daqui ou é daquelas que estão ali tão discretas que ninguém imagina o seu poder. Tem isso também.

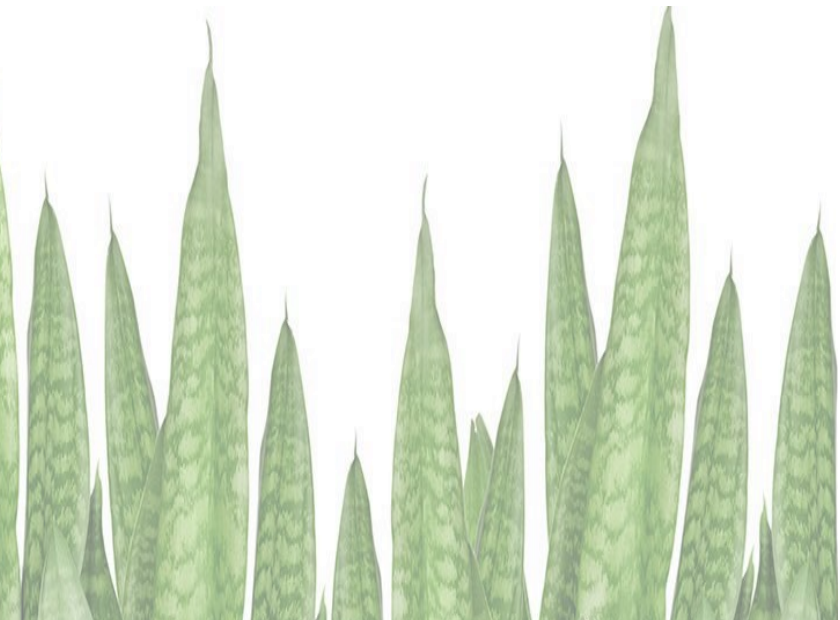
A mãe, a avó, as tias da gente sabem, ensinam à gente e a outras pessoas. Alguém vai, estuda de outro jeito, dá um nome estranho e o que era difundido nos nossos lares e quintais vai para os laboratórios e passa a ser do Doutor ou da Dra. Fulana de Tal.

-Menina, isso já chegou ao SUS e por aí tem até farmácia viva, sabia?

Viva essas mulheres e seus saberes medicinais!

CHRIS JONES

*“O carinho da mão da
Mãidi segurando aquelas
ervas era o segredo mais
forte do mundo”.*



CHRIS JONES



Especialista em Literaturas Africanas pela UFRJ, graduado em letras pela UFRJ, pesquisador das literaturas africanas e afro-brasileiras, membro do grupo de estudos e pesquisas Escritas do Corpo Feminino da Faculdade de Letras da UFRJ. Morador do Conjunto Esperança, favela da Maré. Escritor de contos e poesias.

Mãiodi

Sei que posso estar contando errado. Mas a lembrança da vida da gente sempre se costura pelos acasos da memória. Cada um sentimento nem não se mistura com os diversos vivimentos que realmente a gente teve.

Sim, na favela as ervas se fazem a coisa formosa: mais que a reza, a promessa, o feitiço repetido. A casa da Mãiodi tinha cheirinho de arruda e hoje mais cedo parecia que o mesmo cheirinho de arruda aparecia vindo do outro lado da janela da minha rua. Não sei se de alegria forte ou medo, mas esse perfume fazia tanto imaginar que aquele tempo de criança veio de volta para mim. Vinha me pegando no colo, macio manso e fazendo carinhos, falando carinhos.

Quando percebi, vi que estava gostando da minha infância de novo, do abandono que aquele momento vinha devolvendo; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo que Mãiodi parou de chamar a gente para dar beijo. A verdade é que, escondida aqui, pensando, sonho e realidade bem muito se juntando, aquelas ervas que Mãiodi preparava para mim ainda provocam inquietações que tanto recordo. É um sentimento meu.

Doideiras quase. Parecia que as folhinhas de arruda grudadas no meu corpo miúdo tinham tanta saudade de tudo. Para uma menina como eu, tudo aquilo eram estórias de brinquedo que na minha cabeça tinham aumentado de tão linda. Mãiodi suspendia água gelada na gente que sem medir, sem saber, ela atinava com nossos segredos.

Mas eu, separada de tudo, ficava cheirosa, me curava mesmo, toda rindo, tremendo de alegria, enquanto deixava de

ficar doente - molhada pelo banho de arruda. Era tão gostoso... Era só a diferença toda das coisas que Mãudi sabia da vida.

Mãudi gostava de mim.

O carinho da mão da Mãudi segurando aquelas ervas era o segredo mais forte do mundo. E eu queria em tudo reparar demais, lembrando, procurando pedacinhos de mim perdidos por dentro da bacia.

Então, reparei que a minha tristeza de agora foi saindo do perto para o longe, me enchendo de relembramentos, me deixando descobrir os lugares que dia por dia tinha esquecido. Me dei conta que de novo eu sou menina pequena no mundo.

EDY JUSTINO

*“Ela começava a me curar,
não a partir do momento
que iniciava as rezas e os
benzimentos com aquele
poderoso feixe de ervas na
mão direita, mas desde
quando deitava seus
olhinhos miúdos, porém
plenos da magia dos afetos
que lançava sobre mim”*

EDY JUSTINO



Professora. Escritora e Poetisa Paraibana. Feminista. Sujeito de Encruzilhada. Membro da AIML e AILB. Autora dos Contos (2021): Sabores do Amor “Avoternal”; Quando a casa se deitou (Concurso “Heroínas Negras” - Em curso); Nas Águas de Maria. Crônica (2021): Sem Disfarçar. Poemas (2021): Influxas Insubmissas + Insubmissão Ancestral; Nas Águas de Oxum; Mulher Ipê (Concurso Torquato Neto); Check list. Apresentadora e Prefaciadora de Obras Literárias. Mestranda em Estudos Culturais e de Gênero PPGL/UFPB. Participante de Antologias e de Mulherios das Letras Nacional/Internacional.

Com ervas e com afeto

Conforme aprendera com a mãe, que aprendera com sua mãe, que já aprendera com sua avó, Dona Joana sabia que, quase tudo, se resolvia era com a manipulação correta e sensata das ervas. Como registrado na história da humanidade e também da Medicina Alternativa ou Fitoterápica, as pessoas sempre adoeceram e, na grande maioria das vezes, foram curadas em casa. Joana também sabia que, desde os séculos passados as Mulheres Sábias (as ditas bruxas) eram perseguidas e caçadas, mas que, antes de executá-las suas anotações que continham conhecimentos sobre as várias formas de manipulação das ervas eram confiscadas, e entregues a algum homem que entendia de magia e que, geralmente, estavam ligados à igreja (os bruxos), que representavam membros da igreja e que serviam aos homens de poder.

Executar “as bruxas” era uma tentativa de apagar os saberes transferidos, sobretudo os existentes nos poderes e segredos contidos nas ervas, que tem sido passado de geração a geração de mulheres, e atribuí-los ao masculino que os tinham tomado, a força, das mulheres. Até hoje não se pode, ao menos, supor o tanto de conhecimento de cura, advindo dos saberes femininos, que foram incorporados, no que o universo masculino apresentou ao mundo como sendo a “descoberta da medicina”. Tudo isso sem esquecer de que, o universo farmacêutico, saiu sem ter sido convidado, invadindo tribos, aldeias e ocas e, com seus falsos e má intencionados discursos, foram catalogando plantas e ervas, suas aplicações e funcionalidades e, após tudo organizado, processado e industrializado, apresentado a sociedade

como sendo suas descobertas. Afinal de contas, de onde é que vinham e seguem vindo os remédios das farmácias, bem como as inovações gustativas da culinária envolvendo as ervas na atualidade?

Às vezes, eu disse as vezes, nosso desconhecer sobre algumas verdades relevantes da vida nos mantém a quilômetros de distância de nós mesmos, dos nossos, da sabedoria ancestral e do poder advindo da mãe natureza, do qual, gratuitamente, dispomos. Felizmente, alguns de nós são livrados dessa faceta da ignorância humana. No entanto, por empiria, intuição ou conhecimento inconsciente, sempre sabiam o que fazer, como agir e, o que utilizar. Se faltava pó de café em casa, era a erva cidreira, as folhas de colônia e de laranja e ou o capim santo que eram convocados a dar o ar da graça, do aroma e do sabor, as vezes no café da manhã, no jantar ou em ambos. As folhas de louro faziam-se presente tanto na galinha de capoeira e na carne de porco, quanto na feijoada familiar servida nos momentos festivos. Já as folhas de boldo, estas iam para o chá que salvava, principalmente, as crianças que se empanturravam de feijão verde e das demais comidas de milho verde, carregadas de erva doce, cravo e canela, servidas a farta, no período das festividades juninas.

Se as panturrilhas de Valentina, filha pequena de Dona Joana doíam, era as ramas do melão de São Caetano que eram esquentadas nas brasas do fogo e atadas as pernas, com um cueiro fino, para sanar a dor. Se a cabeça da própria Joana doía, em consequência de sinusite, tratava logo de fazer uma inalação e ou um chá concentrado de folhas de colônia e, em seguida, sobre um pano ou toalha, colocava folhas frescas de colônia e ramos de

manjeriço e, amarrar na cabeça até o dia seguinte. As tosses dos familiares eram curadas com mastruz com leite, com lambedores feitos à base de cebola branca, saião, açúcar e folhas de cebolinha, com as hortelãs miúda-graúda e romã. Os cortes sofridos pelos membros da família de Joana eram tratados com cascas de barbatimão e ou folhas de aroeira, curtidas por dias no álcool. A queda dos cabelos das meninas era resolvida com chá de folhas de goiabeira, com o substrato de babosa e óleo de coco, ou com o óleo a base de alecrim, cravo e canela, curtido semanas a fio.

Se uma criança de colo, de casa ou da vizinhança, tivesse cólica dava-se chazinho de camomila para acalmar. Se tivesse icterícia e “vento caído”, além do chá da fibra do coco amarelo, era a Dona Zefinha de Anízio, mulher negra e rezadeira do povoado, a quem recorriam. E assim, de Rosário Apressado no pescoço e pano amarrado na cabeça, a mulher sexagenária ia ao quintal e colhia um galhinho de arruda ou hortelã para, juntamente com as orações do pai nosso, ave maria, santo anjo do senhor, repetido por três dias seguidos, sempre no mesmo horário, geralmente antes que o sol se pusesse a desaparecer no firmamento, a resolver o caso. O mesmo procedimento se aplicava aos adultos, diferenciando-se apenas no aprofundamento de algumas das rezas: salve rainha, credo, além de trechos de outras orações para fechamento de corpo.

Quando a situação parecia ser de outra ordem e, demandassem mais experiência, e os casos variassem entre: cobreiro, mal olhado, “espinhela caída”, indisposição de alma, fastio, quebranto, canzenza, quizila, olhos e estima em baixa, era a Dona Severina de Jorge a quem procuravam. A mulher branca e pobre, rezadeira, do início da cidade, era quem com a oração de

São Jorge, outras orações católicas e trechos de pontos da jurema, cantados apenas para pessoas selecionadas, aplacava as angústias das almas dos homens e mulheres, dos poucos ricos aos muitos pobres, dos quatro cantos do município, que cruzavam o batente de sua humilde casa. Se estivesse na cozinha, saía para o quintal a colher galhos de arruda, aroeira e ou folhas de pião roxo. Mas, se estivesse na sala, os ramos colhidos na entrada da casa eram de canafístula, ainda mais belas, com seu charme em amarelo ouro, nas épocas do floreiro.

Dona Zefinha, com seu jeito calmo e sábio, com os ramos de ervas nas mãos, restituía a alegria e o viço do rosto das crianças alheias, devolvendo as mães o riso aos lábios. E aos adultos devolvia o bem-estar e a esperança de que tudo voltaria a ficar bem. Já de Dona Severina, que a muitos curava e devolvia o norte-ânimo para viver, o que sei, de fato, é que aquele era o par de olhos mais amorosos que já vi. Talvez eu nunca a tenha dito com palavras, mas, Ela começava a me curar, não a partir do momento que iniciava as rezas e os benzimentos com aquele poderoso feixe de ervas na mão direita, mas desde quando deitava seus olhinhos miúdos, porém plenos da magia dos afetos que lançava sobre mim e que, semelhante a Dona Zefinha, era o reflexo do amor altruísta que espalhavam no mundo, em cada uma das pessoas sobre as quais executavam a dança das ervas.

Assim, tanto Dona Joana e Dona Zefinha de Anízio, quanto Dona Severina de Jorge, cada qual a seu modo, tempo e possibilidades, alinhadas com seus conhecimentos Ancestrais, ativados nos poderes das ervas e das rezas, aos poucos, daquele tempo aos dias atuais, embora as duas últimas já estejam transmitindo seus saberes noutras esferas por serem

desencarnadas, seguem me mostrando que se ensina, se cura, se alimenta, se cuida e, especialmente, se ama, é transmitindo, de geração a geração, todas as formas de conhecimento que não se adquire com investimentos financeiros, mas com o reenlace entre aquelas de ontem, hoje e amanhã, em que se encerra a capacidade de (re)ativar a magia da vida, das ervas, esta que reaproxima os seres humanos daquela origem comum da humanidade por meio do fluxo vital da natureza.

Se no armário da cozinha de alguém, do campo ou da cidade, tem um compartimento exclusivo para guardar as ervas, para o preparo de delícias gustativas, para chás, banhos, defumações, patuás e preparo de unguentos, minimamente, isso demonstra a busca sobre a trilha dos caminhos de um despertar para a necessária (re)conexão dos elos que se fortalecem a cada fechar de olhos, a cada (re)ativar e balançar de ervas, a cada desejo profundo de pertencimento, é porque se sabe e se sente uno com a Ancestralidade.

Por fim, deste grande reencontro entre mulheres, ervas e saberes milenares, ao lembrar daquelas mulheres e ao receber uma xícara de chá de capim santo, em um quase tom entre o verde e o amarelado, das mãos amorosas de Dona Joana, como modo de me dizer eu te amo, ratifico a certeza de que os laços e as curas entre as pessoas do passado, do presente e do futuro, se dão, indubitavelmente, é com a presença delas que seguem nos guiando, instruindo e cuidando Com Ervas e com Afeto.

ELISABETE VITORINO VIEIRA

*“Sua casa era o refúgio para
aqueles que buscavam a
cura para os males físicos e
espirituais”.*



ELISABETE VITORINO



Mulher, paraibana, Ìyàwó iniciada para a orixá Oxum, assistente social e mestra em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. Criadora do Projeto Oficinas de Saúde Mental e Serviço Social e

Idealizadora do Projeto Yabás - Mulheres de Terreiro e Representatividade Ancestral.

Maria Rezadeira

Havia naquela rua uma rezadeira. Maria Rezadeira era uma mulher negra de corpo esguio e detentora de um conhecimento ancestral importantíssimo. A casa de Maria era visitada por muitas pessoas da vizinhança. Sua casa era o refúgio para aqueles que buscavam a cura para os males físicos e espirituais. Maria rezava o mal olhado, o dente encroado, a espinhela caída e o cobreiro.

Maria como tantas outras Marias tinha um marido. Ele nunca retrucou sua esposa ser tão solicitada. Ela, por seu lado, estabelecia horários para suas rezas e essas horas não deveriam nunca coincidir com a sesta que o marido mantinha como ritual diário.

Aquela mulher dotada de tanta sabedoria uterina, tinha em si o olhar terno próprio de uma mãe, o conhecimento comum as avós e a alegria peculiar da juventude. Não era mulher de guardar tristezas. Adorava as festas juninas realizadas pela comunidade. Dançava ciranda, xote e forró com a desenvoltura que lhe era tão presente.

Maria era católica fervorosa. Todas as quintas-feiras comparecia à missa dedicada à Santa Rita de Cássia – a santa das causas impossíveis. Em seguida, permanecia na igreja para acompanhar à adoração ao santíssimo sacramento. Todos da vizinhança já sabiam que na quinta-feira à tarde não tinha rezas. No sábado, Maria comparecia à reunião da Legião de Maria, rezava seu terço com tamanha devoção que só se comparava a hora em que pegava as suas folhas para fazer seus benzimentos.

Domingo pela manhã, Maria também não rezava ninguém, era o dia da santa missa. Ela estava entre as pessoas da primeira fileira. Recebia primeiro a comunhão. O corpo de Cristo era o que lhe fortalecia para uma semana de rezas e benzimentos. Ela sabia que na segunda pela manhã receberia tantas e tantas pessoas de todas as idades. As rezas de Maria eram aguardadas por pessoas de todas as idades.

O público era diverso para aqueles momentos de benzimento. Tinha o dono da venda da esquina, tinha a costureira de cima da ladeira, tinha também o soldado que ia escondido para que a corporação não soubesse. As pessoas a procuravam para rezar problemas gástricos e de pele.

Maria rezava e despertava a curiosidade de quem não conhecia os segredos das suas ervas. Muitos se perguntavam como aquela mulher poderia curar tantas pessoas que iam à sua casa. Certo dia, chegou à casa de Maria uma dessas curiosas. Maria manuseou as folhas e balbuciou seus benzimentos.

Maria perguntou olhou aquela desconhecida e perguntou seu nome. A desconhecida mesmo temerosa disse nome e sobrenome. Maria voltou a balbuciar coisas sobre a proteção divina, de Cristo, da Virgem Maria, do Espírito Santo, do Santos Anjos e Arcanjos.

Em um dado momento Maria começou a bocejar. Parecia que ela estava com muito sono. Ela olhou para a desconhecida e disse:

-Você está com olhado. Vamos descobrir se foi homem ou mulher que botou esse mal olhado.

Daí trocou as ervas e rezou uma Ave-Maria e depois um Pai Nosso. Tudo isso enquanto passava as ervas em torno do

corpo desconhecido. Quando rezava o Pai Nosso voltou a bocejar de maneira frequente. Olhou novamente para a pessoa a sua frente e disse:

-Você está com mal olhado de homem. Tem que se cuidar.

Maria sugeriu uns banhos com folha de colônia, de manhã cedo e de tardezinha, antes de anoitecer. E durante sete dias a pessoa deveria voltar lá para que ela afastasse o mal olhado. Maria Rezadeira mais uma vez demonstrara sua força e seu conhecimento sobre a ciência das ervas.

O mistério que cercava as curas realizadas por Maria não cabia em uma explicação. O lugar intangível do seu saber só era alcançado pelo tangível – os corpos que ela cuidava. Maria detinha os saberes da cura. Ela conhecia a ciência das ervas. Ela sabia curar e, principalmente, ela acreditava nas rezas. Ela tinha fé na força que emanava de seus conhecimentos sobre as ervas.

ELISEU BANORI

*“[...] Olhos tristes como o
sol na sua despedida, aliás,
como as plantas
encharcadas pelas águas
impiedosas da chuva de
agosto”.*

ELISEU BANORI



Eliseu José Pereira Ié, integra saberes africanos aos rituais da escrita. Nascido no chão de papel Varela, um dos bairros de Bissau, capital da Guiné-Bissau, é pesquisador e mestre em literaturas africanas de língua portuguesa (UFRJ). Seus livros entre poesia, ensaio, romance, conto e biografia, revelou o cotidiano tradicional oral do seu país. Em 2020, lançou *A história que a minha mãe não me contou* e outras histórias da Guiné-Bissau, pela editora Nandyala, uma coletânea de contos juvenis.

Seu Joaquim, o homem de suru

Para todas as mulheres, cujos homens têm agulha na bunda.

– Os homens de Bissau são todos cabrões, farinha do mesmo saco... Mas o Joaquim, o meu marido, parece ter *agulha na bunda*¹. Ele não se assenta em casa nunca; chega de trabalho, nem tempo tem de tirar as roupas e tomar um banho, pelo menos, e já está de saída novamente. Eh! Só Deus sabe o quanto sofro com esse casamento, melhor dizer *cansamentu*²..., mas a minha mãe insiste em me dizer que não quer que eu saia desse *cansamentu*, porque vou envergonhar a minha família... E eu com essa vergonha de todos os dias? Até quando carregarei esse fardo? Tenho marido que passa todo seu tempo na rua, quando chega à casa, nem tempo de me tocar...

Era assim quase todos os dias de manhã. Dona Cândida parecia que falava sozinha, ou com a vassoura que segurava às mãos, a varrer a frente da sua casa que ligava à rua principal de chapa de Bissau. Os vizinhos, os frequentadores daquela rua, pareciam que todos já a conheciam com aquele discurso interminável. E sabiam também que, à noite, ela sempre acabava caindo nos braços do Seu Joaquim.

¹ **Agulha na bunda:** Uma expressão tipicamente guineense que é usada para se referir uma pessoa que gosta mais de levar a vida na rua do que em casa.

² **Cansamentu:** Expressão ironizada para se referir ao sofrimento e à angústia de uma mulher no casamento.

Seu Joaquim carregava pastas todos os dias e vestia fato e gravata para ir à praça de Bissau. – Andar bem arrumado na Praça de Bissau também é um diploma – dizia ele com um sorriso largo, enquanto amarrava a sua gravata, que deixava bem longa, no seu estilo, como nos tempos de estudos na antiga União Soviética. Seu Joaquim nunca contou a ninguém o ministério no qual trabalhava. Também nunca contou aos moradores em que área se formou. Uns diziam que Seu Joaquim era um advogado por ter proeza na boca, outros diziam que ele era um cientista político, por saber da política mais que os próprios políticos, outros afirmavam que era um agrônomo... Ninguém sabia direito do gajo. Quando os moradores lhe perguntavam a sua profissão, ele só respondia às pressas que era um intelectual perdido nesta terra de merda; matava logo a conversa.

Mesmo chovendo ou fazendo o sol, Seu Joaquim não deixava de ir à praça de Bissau nem de usar o seu paletó e gravata. E voltava sempre alegre e sorridente. O dinheiro de feira nunca faltou em sua casa, por isso a dona Cândida nunca se preocupou também em saber o serviço do marido, imagina sua profissão. Quem duvidaria que um homem como Seu Joaquim, que assobiava quase todas as línguas do mundo, não tinha um emprego e uma formação? Essa pessoa só pode ter falta de uma peça na cabeça. Mas o problema *mais grande*³ é que Seu Joaquim não andava somente nos Ministérios, mas frequentava casa 2, casa 3, casa 4, e só à noite chegava a casa 1, sempre com respostas na ponta da língua, já espalhando os papéis na mesa da

³ **Mais grande:** Expressão usada na linguagem popular. Nesse contexto, se refere a um problema de grande relevância, que supera todos outros problemas.

sala, a falar sozinho do estresse do trabalho. Estresse, só se fosse com os diabos da terra...

– A nossa Guiné foi sempre assim, quando busca uma sombra, você encontra a escuridão – dizia a *mulher grande*⁴...

A dona Cândida nunca teve coragem de questionar o marido. Na primeira vez que tentou, Seu Joaquim só olhou de soslaio para ela, não precisou dizer mais nada. Na segunda, só bastava ele arregalar aqueles olhos grandes dele que lhe davam a feição de um saltão em desespero. Um ar que demonstrava que alguém precisava passar tempo na rua para sustentar a casa, que o dinheiro não cai do céu. Bem que sabia ler a conversa do marido nos olhos grandes dele...

A dona Cândida, coitada, nem precisava lhe mandar calar-se, pois um homem como seu Joaquim era um milagre na vida dela – diziam os moradores do bairro. Muitas noites chorou sozinha e consolou a si mesma, impotente numa sociedade cega para os males que os maridos causam às suas esposas. Muitas feridas no corpo, feridas que só o tempo podia sarar... Olhos tristes como o sol na sua despedida, aliás, como as plantas encharcadas pelas águas impiedosas da chuva de agosto.

– Filha, não esquenta a cabeça que o casamento é saber sofrer – dizia a *mulher grande*, a vizinha, a especialista em conselhos de casamento.

– Foi culpa toda da *mulher grande*, porque, quando a dona Cândida tirava da casa seus *mbludjus*⁵ para ir embora, sempre ela

⁴ **Mulher grande:** Expressão usada no crioulo guineense para se referir a uma mulher idosa. Em muitos casos, respeitada, conselheira e anciã.

⁵ **Mbludjus:** Cargas, bens materiais de um indivíduo.

colocava de volta. A *mulher grande* parece que gosta de ver gente sofrendo – dizia o próprio irmão de Seu Joaquim.

No bairro, também já sabia que Seu Raimundo, o irmão mais novo, estava de olho na mulher do seu irmão – só desejava a morte dele nos sonhos para que, num futuro breve, pudesse herdar aquela beleza toda e irresistível da dona Cândida.

A *mulher grande* era uma especialista em ensinar as mulheres do bairro às regras do casamento: baixar a cabeça quando marido fala, ser uma boa dona de casa, mãe e esposa dedicada e fiel. *Mulher grande* sempre, quando falava com a dona Cândida, apontava o dedo para outras mulheres solteiras que passavam a caminho de feira, pior que não faltavam: – olha para esta; olha para aquela. Elas são vergonhas do bairro... Olha para a Samanta, cinco filhos com três homens... Essa vida que você quer? – Foi sempre assim, não terminava a conversa sem que mencionasse o nome da Samanta...

Todavia, essas aulas tradicionais da *mulher grande* não acalentavam o coração da dona Cândida. Quantas noites a sua raiva a conduziu a romper com costumes de levar a comida ao marido e retirar os pratos à sua frente. Mas toda vez que o desafiava, apanhava e voltava a ficar calada... Muitas vezes abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não dizia nada. O medo dividiu-lhe a alma. O sofrimento encobriu-lhe toda a sua formosura da adolescência. O que restava nela era o corpo fustigado pela tristeza que o tempo camuflava, mas não apagava, tornando a vida dela um calvário prolongado.

A dona Cândida não parecia mais aquela mulher dos velhos tempos. Olhos remetidos ao silêncio e impostos a não enxergar seu sofrimento. Estava como à que espera de uma

solução divina. Não se sabia dizer se Deus é grande, ou se era deus de dona Cândida que era grande..., mas todo o bairro afirmou que deus dela era grande.

Fazia tempo que o fotógrafo, Dji foto, procurava Seu Joaquim na Praça. Pois precisava que o gajo o pagasse a dívida. Quando ia procurá-lo na Identificação de Ministério de Justiça, alguém lhe dizia que Seu Joaquim acabou de sair dali. Quando ia ao porto de Pindjiguiti, onde o gajo costumava tomar o vento do mar, também não encontrava o amigo. Sempre a desencontrar com o camarada. Foi assim por muito tempo. Tantas andanças atrás do intelectual, porém sem sucesso. Seu Joaquim tinha mesmo *agulha na bunda*, como dizia a dona Cândida. Chateado e Cansado de procurá-lo, Dji foto decidiu entregar as fotos de seu amigo intelectual com belas meninas de Praça de Bissau ao seu colo em sua própria casa, no bairro de Missira. Dona Cândida abriu o envelope e encontrou muitas fotos do marido aos beijos e abraços com as *catorzinhas*⁶ de Bissau, na praia de Suru. Entre as fotos, estavam até aquelas fotos que as crianças não podem ver... Mostrou as fotografias ao Seu Joaquim, este negou *far*⁷ que aquelas fotos não eram dele. Negou *far*... Os colegas a gozar do gajo. E o apelido não demorou a aparecer: Seu Joaquim, o homem de Suru.

A dona Cândida olhou para céu, e não conseguiu conter as lágrimas que apressou a descer nos olhos. Enxugou-as com as costas de mãos sujas de carvão, aprontou-se em trocar as roupas e lavar as mãos, saiu com pressa para respirar outros ventos – que não havia respirado há séculos.

⁶ **Catorzinhas:** Meninas novas, na fase de adolescência.

⁷ **Far:** Categoricamente.

Do sofrimento, nasce a esperança! Dona Cândida foi corajosa nesse dia! De novo, limpou as lágrimas que insistiam em invadir o rosto com as costas de mãos sujas de carvão de cozinha, enquanto a *mulher grande* falava sozinha. Não deu ouvidos à *mulher grande* nesse dia. Nem olhou pra trás... Assim se foi! Querendo respirar outros ventos que zurziam em outros horizontes. Pela primeira vez, gritou sem dizer nada. Apenas queria gritar por tanto tempo que ficava em silêncio. Nada se ouvia no bairro, além daquele grito. O grito, que se fazia espalhar pelos seus ecos, atemorizou o intelectual e o deixou com os olhos postos no chão. O gajo, com um olhar triste, acompanhou a mulher até esta desaparecer do bairro.

Seu Joaquim ainda a arregalar os seus olhos de saltão. Amanhã começa tudo de novo. O gajo tem mesmo *agulha na bunda...*

FABIANA HELENA DA SILVA

“Há quem diga que o destino havia trazido Dona Josefa até aquele local, para ajudar as pessoas, que viviam sem assistência médica, longe de tudo, onde a reza em determinados momentos era o único acesso à cura que tínhamos”

FABIANA HELENA DA SILVA



É produtora rural, vendedora de ervas de uso religioso, ofício que aprendeu com sua avó Dona Josefa. Atualmente é discente no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e monitora na disciplina de antropologia.

Pesquisa sobre as rezadeiras e as mulheres erveiras da Baixada Fluminense e Região Metropolitana do Rio de Janeiro. É estudante do Grupo de Pesquisas em Linguagens, Poder, Contemporaneidade GELPOC, IFBA e do Núcleo Brasileiro, Latino-Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais N´BLAC, da UFC. É autora de textos em editoriais femininos como o “Parto Normal e “Yanande”.

Dona Josefa, a rezadeira da Baixada

Em busca de uma vida melhor no Sudeste e de um futuro mais promissor aos seus filhos, Dona Josefa saiu de Recife no início da década de 1970, rumo ao Rio de Janeiro. Na bagagem, além da coragem trazia umas ramas de batata doce, manivas de macaxeira e um acervo de sementes crioulas. No ventre, um casal de gêmeos.

Depois de dias na estrada viajando em uma kombi, finalmente chega à sua nova casa. Antes de entrar rezou, catou uns galhos de aroeira que viu por perto para benzer sua chegada. Com os pés descalços pisou a grama macia, ainda com a presença do sereno da madrugada e da umidade vinda de uma lagoa, situada logo após a sua casa. Assim ela contava as suas netas e eu era uma delas:

- *“catei um cipó verde, pisei o aruvai e rezei a minha casa!”*.

A gente demorou para entender que o “aruvai” era o orvalho, pois as palavras eram ditas no jeito “Dona Josefa” de ser. Depois de entrarmos na escola ensinamos ela a escrever. Na parede de trás da casa, reinavam as escritas feitas por ela à carvão e giz: “Josefa”, “Zéfinha”, “Bibiu”, “amor”. Seu Severino era o grande amor da vida dela, chamado carinhosamente de Bibiu.

Aquela rua gramada e calma, se torna o *playground* dos netos. Minha avó em sua cadeira de balanço, nos observava de longe e dava bronca quando precisava:

- *“Ó essa menina, tu passasse ali na esquina, pedisse licença? Pois volte lá, passe de novo, eu quero ouvir daqui”*. Minha avó sempre teve muito respeito por aquela trinca formada pelas ruas São Basílio,

Nossa Senhora das Graças e rua São Damião. Mesmo que não tivesse oferenda disposta, tínhamos que pedir licença ao passar.

Em pouco tempo morando ali, a família tinha um roçado farto, as ramas trazidas já produziam, pois foram plantadas na lua certa. Mesmo sem poder desfrutar do tão sonhado progresso do sudeste, como pensou ao sair de Recife, ela era feliz ali, com as pessoas que amava, suas plantas e a fartura de água da lagoa onde ela nos ensinou a nadar.

Depois de nossas brincadeiras ela nos rezava, sempre com um ramo cheiroso de alecrim ou arruda, colhido na hora. Não podíamos falar nem interromper a reza, nossas mães às vezes chegavam e ficavam em silêncio. Também acontecia de pessoas passarem na rua na hora da reza e ficarem nos observando, não tinha muro, apenas uma cerca viva de hibiscos vermelhos. Era costume, ter alguns baldes de alumínio com água no sol, com ervas quinadas⁸ dentro. Era o nosso banho morninho, “a água com a energia do sol e das ervas que curavam tudo” - dizia ela. E quanta sabedoria nos foi passada, nesses momentos lúdicos de convívio intenso com uma avó rezadeira.

A notícia sobre as rezas foi se espalhando e com o decorrer do tempo, as pessoas foram chegando para pedir a bênção. Vinha gente de outros bairros da Baixada Fluminense. Enquanto brincávamos na rua, a cadeira de balanço solitária sinalizava que havia reza acontecendo. Quando a gente entrava, lá estava a minha avó rezando desconhecidos. Às vezes, a casa enchia, tinha música, batuques, palmas, choros e confraternizações. Ao final, o chão da varanda estava repleto de verde, muitas folhas de ervas. Uma mistura de aromas e sons que

⁸ Do verbo quinar. Ato de macerar a erva para produção de banho religioso.

ninavam meu sono em algum canto da casa, até que meu pai fosse me buscar já dormindo.

Ninguém saía da reza de mãos vazias, levavam galhos e mudas de plantinhas em latas de óleo, garrafadas e outros remédios feitos por minha avó, com muito carinho. Depois essas pessoas voltavam, doavam mantimentos, roupas e brinquedos para as crianças. Minha avó relutava em receber, mais as vezes as pessoas davam na nossa mão e aí ela ficava pensativa e aceitava, mais recusava qualquer tipo de presente em dinheiro, sempre dizendo “*reza não se paga*”.

Ela era parteira, às vezes chegava um marido apavorado em busca de sua ajuda. Minha avó analisava a gestante e só de olhar a barriga ela dizia se sim ou não. Ela contava que em Recife havia feito alguns partos e paria seus filhos em casa na sua cama, alguns com ajuda de outras parteiras e outros ela mesma havia feito o parto. Com 17 filhos no total, ela não lembrava muito como tinha sido cada parto. Ela cuidava de cólicas femininas com ervas que regulam os hormônios, fazia chás, banhos de acento e também tinha uma reza apropriada para as questões da saúde feminina.

Quando nasciam as crianças, ela visitava para dar o primeiro banho. Orientava as mães quanto aos primeiros cuidados com umbigo, amamentação. Quando o leite endurecia no peito ela ajudava. Ela contava que com a sua filha mais velha foi necessário sugar o leite que estava “empedrando”, porque o bebê arrotou no peito. Ensinava simpatias para tratar soluço, engasgos e confeccionava amuletos com ervas para serem usados por dentro das roupinhas dos bebês.

Há quem diga que o destino havia trazido Dona Josefa até aquele local, para ajudar as pessoas, que viviam sem assistência médica, longe de tudo, onde a reza em determinados momentos era o único acesso à cura que tínhamos. A sua íntima ligação com a terra e seus elementos, lhe conferiam uma grande sabedoria, capaz de prever mudanças no clima observando a lua e sentindo a direção do vento, este último ela sempre silenciava para ouvir e tinha por ele um profundo respeito.

Acordava ainda escuro para conversar no fogão, era o momento no qual ela revisitava suas memórias no preparo das mezinhas⁹, a fim de ativar a intenção das ervas em favor de alguém. Cumprindo em silêncio as promessas de guardar à sete chaves os segredos de seus bentos¹⁰, balbuciava suas sábias palavras rimadas às ervas, guardando em vidros os seus preparados mágicos.

Sinto que sigo os caminhos traçados por minha avó, que mesmo tendo partido para o sagrado, continua presente me abençoando e sendo minha referência de fé, cura e amorosidade. Hoje sinto a importância de sentir o vento e ouvir seus assobios, quando ele balança as folhas das ervas, sua intenção é nos permitir o resgate de sentidos, da força que acalma, da mística do passado que se faz presente na minha lida com a terra, no trato com as ervas, fontes de meu sustento e fé.

⁹ O termo *mezinha* advém do latim “*medicina*”, que significa: remédio, ou remédio caseiro. Mezinhas ou mezinhas, são receitas caseiras, feitas de acordo com sabedorias populares ancestrais, as quais se acredita possuírem propriedades benéficas e por vezes descuradas pela medicina convencional. As mezinhas, são por isso remédios da medicina popular, ou da medicina hoje em dia tida como “alternativa”.

¹⁰ O mesmo que abençoado.

FÁTIMA BETTENCOURT

“Nha Joana logo percebeu que era o momento de usar a sua sabedoria e ensinar àquelas menininhas do liceu que nem tudo se aprende nos livros [...]”



FÁTIMA BETTENCOURT



Fátima Bettencourt, cronista, contista e autora infanto-juvenil, jornalista e professora de profissão. Nasceu na Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, estudou em São Vicente e Lisboa. Exerceu jornalismo radiofónico na Guiné-Bissau, Angola e Cabo Verde paralelamente a sua atividade docente. Publicou: Semear em Pó e Mar-Caminho Adubado de Esperança e Sonhos & Desvarios (contos); A cruz do Rufino e Sapatinho Mágico (infanto-juvenil); Um certo olhar e lugar de suor, pão e alegria (crônicas); Prosas soltas e claridade - A palavra dos outros (recolhas). É coautora de várias obras e tem participação em muitas outras no país e no exterior. Foi condecorada pelo Governo de Cabo Verde em 2005 e pela Presidência da República em 2010. Homenageada pela Organização das Mulheres de Cabo Verde e pela Academia Cabo-verdiana de Letras de que é membro fundador. Em 2005 recebeu o Prémio Eugenio Tavares da Crônica Jornalística e em 2017 lançou a obra Prosa Literária Pós-independência, uma antologia em coautoria com Simone Caputo Gomes e Érica Antunes.

Uma mulher do mato

No meu 2º Ciclo liceal a tarefa prioritária era a organização do herbário, uma espécie de álbum onde se colavam todas as espécies vegetais compatíveis com o espaço de um álbum de fotografias. Cada elemento ficava protegido por um pequeno saco de celofane, tendo sido previamente tratado para evitar o mofo, as manchas ou quaisquer sinais de deterioração do material exposto. E não é por acaso que esta palavra é aqui utilizada pois esses álbuns eram o prato forte da exposição de trabalhos manuais com que o liceu encerrava o ano letivo, juntando à sua volta a população inteira da ilha. Todos queriam ver e apreciar as habilidades dos filhos, netos, sobrinhos e afilhados, presentes também na sala, orgulhosos de poderem mostrar aos mais velhos que eles não tinham andado apenas na brincadeira pelos corredores e varandas do liceu ou desenhando corações atravessados por setas, feridas de morte pela primeira paixão que tanto podia ser por uma coleguinha de turma ou até mesmo uma professora, paixão essa que nascia e morria platónica, desfazendo-se em suspiros e pequenos poemas que ninguém mais lia a não ser o autor, denunciando-se apenas pelas fundas olheiras de noites insones.

Ora nesse ano, a meio do percurso liceal, reinava a maior azáfama entre os alunos que, vivendo numa terra árida onde raramente chovia, viam-se a braços com a ingrata tarefa de juntar plantinhas, florzinhas, sementes, raízes, no meio duma seca das mais brabas que afligiam as ilhas. Eis que do meio desse deserto se ouviu um grito desgarrado: “Oli móte de chá”; “quem crê

cidrinhã, cachófra, licrim, páia texera, gingipe, frisquim”¹¹. O grupinho de 5 adolescentes que se juntavam para estudar e fazer trabalhos escolares com lanchinhos e fofocas pelo meio, suspendeu os gestos e estacou com os lápis no ar.

- Vocês ouviram o que eu ouvi? Ela disse “matos de chá”?

- É isso mesmo! Ela está gritando os nomes um por um, e nós não temos nenhuma dessas ervas que ela disse.

- Vai lá na janela e grita para ver se ela nos ouve.

Assim Nha Joana Mato entrou nas nossas vidas. Ouviu os nossos gritos, parou, olhou para trás, fez um sinal de entendimento e entrou na nossa sala com o seu balaio de ervas cheirando a campo e terra molhada. Não era hora de entrar em detalhes sobre a origem dos cheiros e a verdura das plantinhas. O que queríamos saber era se ela nos poderia fornecer plantinhas daquelas para os nossos herbários, informação que juramos ali mesmo guardar em absoluto sigilo, principalmente dos ouvidos maliciosos dos rapazes da turma que viviam em permanente competição com o nosso grupinho, carregando injustamente a fama de preguiçosas e tolas.

Nha Joana Mato, investida no papel de sacerdotisa, senhora do saber e dos mistérios das ervas, era agora nossa aliada, garantida que fora previamente a cumplicidade das respetivas mães, exceto uma que, sendo estrangeira, achava que aquilo tudo não passava de bruxaria.

- Só vocês é que não percebem o jeito de bruxa desta mulher: cabelos desganhados, roupas abandonadas, um olhar

¹¹ Tradução das frases em crioulo de Cabo Verde: - Estão aqui ervas de chá; quem quer erva cidreira, alcachofra, alecrim, palha Teixeira, gengibre fresquinho?

estranho, ela mais parece desenterrada de algum cemitério antigo. Aposto que no buraco onde vive, ela guarda ossos, um gato preto e um corvo desses que só lhes falta é falar.

Nós, firmes na nossa devoção pela vendedeira de ervas que nos caíra do céu no momento de maior penúria de material, a ilha toda um braseiro de canícula onde até vacas e cabras morriam pelos caminhos, à míngua de água e pasto.

Um dia fizemos um lanchinho para Nha Joana. Seria diferente dos outros dias em que só nos pedia água, água, água que bebia, bebia, bebia e parecia que nada lhe matava aquela sede acumulada nas ruas da cidade, mais nos arredores pois tinha medo dos polícias que afugentavam das ruas as vendedeiras, fosse qual fosse o produto: peixe, couves, hortelã, rebuçados, tudo tinha o mesmo tratamento, para o polícia era indiferente o tipo de negócio, por cada vendedeira que apanhava, recebia uma comissão e ela perdia o material apreendido.

O nosso lanchinho, feito por uma das mães, tinha vários objetivos, primeiro agradar à vendedeira e segundo encetar uma boa conversa que nos permitiria colher informações sobre as ervas, necessárias aliás ao nosso trabalho que, sem legendas, não valeria nada. Nha Joana logo percebeu que era o momento de usar a sua sabedoria e ensinar àquelas menininhas do liceu que nem tudo se aprende nos livros e que a vida é a grande escola de todos, em qualquer idade.

Depois do lanche, caprichado em quitutes da terra, tudo à base do milho, Nha Joana começou a falar e nunca mais parou. Nós, de caderno em punho, íamos anotando tudo com desenhos ilustrativos, tentando rentabilizar a sessão da melhor forma. Ficámos a saber que todas as ervas não se destinam ao mesmo

fim: algumas são mesmo para curar doenças, outras para temperar a comida, outras ainda para afastar o mal que segundo a nossa informante, pode chegar com mil disfarces e nos pegar desprevenidos. Ela sabia do que falava pois lá na sua aldeia uma mulher invejosa espalhou o boato de que Nha Joana era feiticeira e comera um menino na noite de sete depois do nascimento. Essa era uma lenda antiga das ilhas que por desconhecimento científico da evolução de um tétano umbilical causado pelas deficientes condições de higiene no momento do parto, atribuía a morte do recém-nascido ao poder maléfico duma suposta feiticeira. Por esse motivo Nha Joana teve que abandonar a sua aldeia e mudar-se para outra ilha à procura de um meio de vida que combinasse com os seus conhecimentos de ervas que lá da sua ilha natal lhe eram enviadas.

Manuseando os montinhos de ervas, uma a uma, foi indicando o nome, o local onde fora colhida, o tratamento que devia receber para melhorar a sua eficácia. Losna e arruda – disse ela brandindo um molhe em cada mão. Estas são especiais porque afugentam o mau olhado, a inveja e a malquerença. Queimam-se num tacho de ferro e deixa-se o fumo inundar os cantos da casa até chegar à rua. As ervas medicinais mereceram um longo capítulo pois os chás são de uso frequente nas comunidades rurais principalmente. E finalmente aquelas que vão às panelas aprimorar a nossa gostosa e mestiça culinária nacional: pimenta, cravinho, coentros, salsa, manjeriço, alho, gengibre, hortelã, orégãos, açafão, alecrim... Ali foi interrompida pois uma das meninas achava que essa só servia mesmo para banhos em caso de febre renitente.

- É verdade, muito bom para febres, mas também o assado que não leva essa erva não fica perfeito.

E continuou a sua aula magna com outras informações adicionais sobre como conservar as ervas, se é melhor fresca ou seca, o momento ideal de colocar na panela, a medida certa que ajude o paladar e não o estrague... enfim, nós, já um tanto impacientes pois não queríamos passar o resto da tarde na longa aula de Nha Joana Mato, com o discurso dela engatilhado, a noite chegando e os nossos programas com outros amigos num atraso irreversível. Foi aí que a mãe, sempre providencial, discretamente apagou a luz. Ah! Que pena! No escuro é impossível continuar. Nha Joana mais o seu balaio de ervas lá se foram deixando em nossos braços um problema de que ela nem suspeitou: como guardar o segredo da nossa fonte de conhecimentos e materiais raros?

Mindelo, 18 de Junho de 2021.

Fátima Bettencourt

FERNANDA LUIZA

“Estava ansiosa, ficava imaginando como ela seria.

Se a ensinaria feitiços grandiosos, o segredo das ervas e o caldeirão.

Certamente ela teria um caldeirão”.



FERNANDA LUIZA



Sou Física de formação, mãe por amor e agora ousando escrever. O ato de escrever me faz leveza, e essa sensação é uma necessidade. Espero que um dia alguém possa se identificar com minhas escritas. Tenho duas filhas que são minha inspiração, elas tornam meus dias alegres e vivos.

Pinta no nariz

Chegou a hora em que ela conheceria a tão sonhada tia que todos falavam.

Tia Keruta era uma senhora sábia detentora de conhecimentos magníficos.

Os mais ousados diziam que ela era uma bruxa.

Kalabi seria apresentada a ela. Pois seus pais decidiram ir visitá-la.

Keruta é tia-avó de Kalabi, o fato das duas carregarem a mesma letra inicial no nome deixava a menina fascinada.

Se alguém a maltratasse na escola, já soltava logo um “sou neta de bruxa”.

Estava ansiosa, ficava imaginando como ela seria. Se a ensinaria feitiços grandiosos, o segredo das ervas e o caldeirão. Certamente ela teria um caldeirão.

A tia morava em local afastado, e como a família não era dada a afetos, os encontros poderiam demorar anos.

A menina começou a pensar nessa tia depois de ouvir uma conversa entre dois dos membros da família.

Romero um cristão fervoroso dizia que jamais viu uma mulher lidar tão bem com as plantas. Realmente parecia mágica. Deveria ser ela uma bruxa.

Havia um misticismo nessa mulher que ninguém sabia explicar.

Na conversa Romero conta um pouco da irmã que viu pouquíssimas vezes.

Keruta não pôde ir à escola, ela era a mais velha dos irmãos. O pai a destinou ao trabalho doméstico na casa de um médico.

Essa era a única informação que tinham dela.

Seu Conrado, um famoso cardiologista da região era casado com dona Rosana e não tiveram filhos.

O casal morava juntos, mas sempre que precisava de ajuda seu Conrado recorria a menina.

Ele via nela a filha que não teve.

O doutor era estabanado. Se lembrava pela manhã das instruções que deveria ter dado a Keruta no dia anterior.

Ele costumava sair muito cedo, antes dela chegar.

Nesses momentos ele lançava mão de um bilhete, que ela não lia.

À tarde, depois de ter feito os atendimentos, ao chegar em casa e ver o bilhete no mesmo lugar vinham as reclamações.

- Menina você não leu o bilhete?

- Não senhor. Desculpe, mas não sei ler.

Então fizeram um pacto, doutor Conrado ensinaria a menina a ler e ela o ajudaria com os esquecimentos e suas formas estabanadas.

Durante a aprendizagem, as letras e os conhecimentos ganhavam vida em seus pensamentos.

Logo terminava os serviços da casa, se debruçava nos livros.

Lia, decorava e experimentava.

Nos livros de medicina as flores tinham nomes, as plantas tinham razões de ser como eram. E ao juntá-las, ela formulava remédios incríveis.

Essa era a tia-avó, uma senhora que aprendera a manipular as plantas com os livros. Se tivesse ido à escola, seria cientista ou médica.

Mas a única informação que os ouvidos da menina gravaram foi “deveria ser bruxa”.

E lá vai Kalabi, no carro dos pais conhecer a tia, são 900 quilômetros.

Durante o percurso, a menina come, conta árvores, faz perguntas e dorme. Finalmente chegam na casa da tia.

Mal o carro estaciona, ela sai correndo e avista a tia. Nesse momento fica totalmente decepcionada.

Da de cara com uma figura magra, pele retinta e dona de uma beleza sem igual.

- Essa é a bruxa? Pergunta a menina.

Decepcionada ela reclama: - Nossa ela não tem nem a bendita pinta no nariz.

HELENA MONTEIRO

*“Muitas delas são idosas e
arrimos de família, no
entanto, estão sempre
dispostas a servir, acolher,
perguntar onde dói e a
escutar”.*

HELENA MONTEIRO



Maria Helena Silva Lima (Helena Monteiro), mulher, negra, periférica, natural de Santo Antônio/RN. Graduada em Letras e Psicologia/UFRN, especialista em Saúde Pública, aluna especial do Mestrado em Letras/UFRN, escritora, poetisa, contista e pesquisadora da cultura popular. Tem oito livros autorais publicados, participação em doze antologias. Fundadora do Coletivo Mulheres Tecendo Artes_ Escritoras Santo-antonienses, Sócia -Fundadora da Academia de Letras e Artes do Agreste Potiguar – ALAAP e Vice-Presidente, Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - IHGRN e Membro nº 449 da Academia Internacional de Literatura Brasileira - AILB.

O conto das ervas benditas

Eu sou a voz que ecoa a devoção das mulheres benzedoras, rezadeiras que residem na Zona Rural da cidade de Santo Antônio, em terras Potiguares. Elas têm seus nomes de batismo: Luzia, Sebastiana, Antônia... Mas, todas são chamadas de Madrinha Maria, devido aos seus ofícios, não importando o nome batismal. A grande maioria reside na Zona Rural, são analfabetas ou sabem apenas assinar o próprio nome. Fato que não as impede de guardar, em suas memórias, as rezas e orações para benzimento das dores do corpo e da alma de seus vizinhos e parentelas.

Muitas delas são idosas e arrimos de família, no entanto, estão sempre dispostas a servir, acolher, perguntar onde dói e a escutar. Fazendo, às vezes, o papel de padre, médico ou psicólogo. Conhecedoras das vivências e sobrevivências das pessoas que residem no campo e já experienciaram as carências humanas. Pude me apropriar do trabalho da benzedora Antônia, quando fui conhecer seu trabalho no Assentamento Catolé, Comunidade Rural Mundo Novo, do município citado acima. Eu estava realizando um documentário acerca do ofício das rezadeiras e benzedoras da região, para trabalhar na aula de Ciências, na escola onde leciono. E, quando cheguei à sua casa, logo perguntei:

– Dona Antônia, a Senhora é idosa, aposentada e, ainda, continua benzendo as pessoas, na sua casa? Ela respondeu sem titubear:

– Continuo, esta é a minha missão. Cresci vendo minha avó benzer as pessoas. Ela tinha um quartinho onde benzia todos que a procuravam, mas não trancava a porta. Ela parou de falar por um instante. Respirou fundo e continuou: – Eu, curiosa, ia espiar o que ela estava fazendo. Achava diferente, não parecia nem a minha avó. Com o ramo de arruda nas mãos, de olhos

fechados, em pé, de frente para a pessoa sentada num tamborete que, também mantinha os olhos cerrados. Eu as percebia envoltas em luzes coloridas, e estas ofuscavam meus olhos. Ela parecia falar a língua dos anjos.

– Então, foi a partir daí que a Senhora decidiu que iria ser rezadeira? Dona Antônia continuou falando como se eu não a tivesse interrompido.

– Minha avó foi uma das minhas inspirações, a outra foi minha mãe, que diferente dela, não gostava de benzer as pessoas no quarto. Ela as levava para o quintal, gostava de sentir o cheiro das ervas enquanto benzia as pessoas e, também, misturava as orações de benzeduras a umas cantigas. Eu me escondia atrás dos limoeiros, dos pés de laranjas e Juremas. – A benzedeira parou para tomar um gole de água, trazido pela neta. Depois continuou: – Nela, eu também avistava a mesma luz que via em minha avó.

– E quando foi que a Senhora começou a ser benzedeira? Ela continuou como se estivesse falando para si mesma, de tão compenetrada que estava:

– Desde menina eu queria sentir aquela luz, fazer parte daquele mistério. Mas tudo tem seu tempo de iniciação. Foi assim com minha mãe e, ela, fez o mesmo comigo. Na hora certa ela me repassou as orações, as ladainhas, os cânticos e ainda me falou: – Esse é meu jeito, minha filha, de entrar na casa sagrada das pessoas, que é a alma. Não se preocupe que você vai encontrar o seu. Dias depois ela partiu para o mundo espiritual.

– Então, uma benzedeira só passa a atuar quando a pessoa que a preparou para esse ofício parte para o mundo astral? Ela concluiu sem dá atenção a minha pergunta.

– Sim, e aconteceu do jeito que minha mãe falou, aprendi o meu caminho. A cultivar as ervas que gosto de usar, a fazer o benzimento também com as águas, a me vestir para aquele momento, com asseio e banho de alfazema, pois não é a pessoa Antônia que se encontra ali, mas uma legião de mulheres que

vieram antes de mim. Acredito que quem já foi a uma benzedeira já sentiu o frescor das ervas que cada uma gosta de fazer uso, pois são através das ervas que elas se fazem oferendas de corpo, alma e espírito, a curar as dores do outro. Por isso as chamo de curandeiras.

– A senhora tem alguém em mente para continuar com sua missão? Ela demorou um pouco a responder, e disse:

– Tenho filhas, netas bisnetas. Entre elas tem uma que presta mais atenção, que ajuda no cultivo das ervas, demonstra interesse em saber a serventia de cada uma delas e faz questão de colhê-las comigo. Na verdade, não somos nós que escolhemos. Creio que a pessoa já nasce com o dom.

Então perguntei: – A Senhora gosta de ser chamada de Madrinha Maria?

– Não existe graça maior do que essa. Cada afilhado representa o sinal de cura. Porém, quando não podemos ajudar, recomendamos a ajuda com os profissionais de saúde. Isso não me impede de auxiliar com as ervas medicinais que costumo usar, como: arruda, boldo, cidreira, capim-santo, manjerição, jasmim. Saiba que as pessoas, primeiro, recorrem a nós, porque estamos na comunidade. Fique ciente que recebemos ajuda espiritual para socorrê-los. Somos nós que primeiro cuidamos das cólicas dos bebês, que ensinamos as mães de primeira viagem a limpar o coto umbilical, secá-lo e esperar que este murche e caia para depois enterrá-lo num lugar que traga bem-aventurança à criança, como um curral de gado ou árvore frondosa. Cuidamos das diarreias, dores de dentes, espinhela caída (dor na boca do estômago, nas costas e pernas), mau-olhado. – Em seguida, acrescentou sem eu nada perguntar:

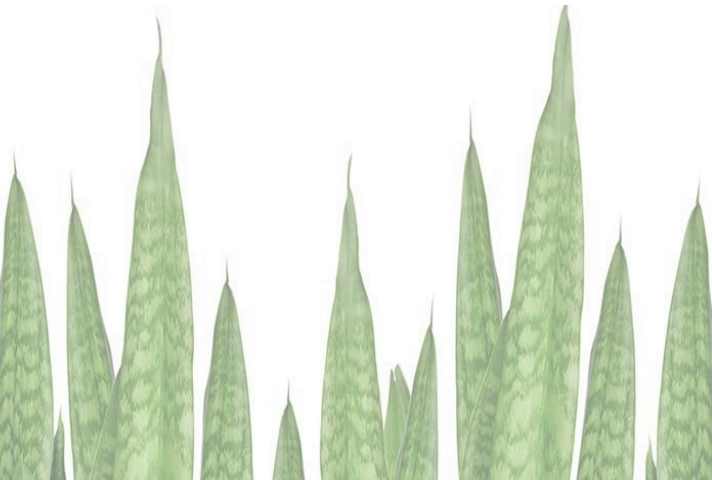
– Recorremos a várias religiões, ao terço e ladainhas do catolicismo. As ervas medicinais que aprendemos com os pajés. Após o benzimento nos desfazemos dos ramos em água corrente, seja nas águas doces de *Oxum* ou, salgadas de *Iemanjá*;

improvisada por nós com a ajuda do sal grosso, tendo em vista que vivemos longe do mar. Outra prática é a de cavar a terra e enterrar os restos dos ramos para que façam uma transmutação que só a mãe natureza sabe fazer.

Depois da conversa amistosa com a benzedeira, me despedi com um abraço apertado, impregnando nas minhas vestes e no corpo, um aroma gostoso de alfazema. Trazendo-me recordações do tempo em que minha mãe me levava à benzedeira para me curar de mau-olhado.

LUANA PASSOS

*“Seus pés tocavam a terra-erva,
suas narinas recebiam aquele aroma
de ervas-cura, sua pele sentia o
vento perfumado das folhas a curar
su’alma”.*



LUANA PASSOS



Doutoranda no programa de pós-graduação em Letras na UNESP/IBILCE - linha de pesquisa História, Cultura. Mestre em Linguística, Pedagoga e Integrante do Grupo de Pesquisa Gênero e Raça todos pela UNESP/IBILCE. Pedagoga e formadora de professores pela Secretaria da

Educação de São José do Rio Preto (SP), formadora para práticas didáticas e educativas na perspectiva da lei 10.639/03. Têm contos e poemas publicados nos Cadernos Negros – volumes 41, 42 e 43 e artigos acadêmicos na área de alfabetização, letramento e literatura afrodescendente.

Viva, Maria – a mais bonita!

Não se sentia bem alguns dias, nem sabia explicar o que era. Procuraria por Nhá *Nanãinha* e *Ewafé*, só elas para darem jeito. Caminhou, caminhou por dias para chegar até à anciã e à *Ewafé*, que era mais jovem. Seus pés, descalços e inchados, latejavam num ritmo muito mais forte e acelerado que de seu coração. Não suportava mais sandálias, chinelas, ou qualquer coisa que prendessem os pés, nem mesmo para protegê-los. Aliás, não suportava mais nada que lhe desse a impressão de seu corpo aprisionado. Estavam, assim como eu, cansados e doloridos – os pés e o restante do corpo.

O contato com a terra vermelha batida e depois uma terra fofa, foi aliviando aquele peso nos ombros, nas costas, na mente... Seus pés inchados e ainda cansados recebiam uma delicada e gostosa massagem. Era como um bálsamo aliviando o peso de todo o corpo e alma que sentia e refletia em suas pernas e em seus pés. Percorria pela mata, o cheiro das ervas entrando e percorrendo por todo o seu corpo. Prazeroso. Pisava ao mesmo tempo na terra fofa e em algumas folhas-ervas úmidas caídas ao chão.

Não sei o porquê, foi se despindo. Uma energia comunal entrava pelos seus pés, uma energia inexplicável. A luminosidade era tão intensa, que se confundia a do astro rei Sol, mas era ela, a rainha Lilith africana - Lua.

Seus pés tocavam a terra-erva, suas narinas recebiam aquele aroma de ervas-cura, sua pele sentia o vento perfumado das folhas a curar su'alma. Sentia o perfume de Patchouli e Alfavaca roxa. Sentia-se embriagues com aquela mistura de

perfumes, mas não confusa. Era como se tudo estivesse sendo transformado e colocado em seu devido lugar - seu universo, seu eu, seus cosmos... Sentia um despertar de sua sensualidade e sexualidade – um quentume por dentro. Brasa. Sentia a força de seus ovários, útero, trompas, todo o seu eu mulher. Sentia-se o crescer, a transformação, a mutação. Sua autoestima, feminilidade, estavam leves e ao mesmo tempo à flor da pele.

Aquele caminho percorrido, nem sei quanto tempo a travessia durava, era cura. Suas mãos e seu corpo tocavam a madeira das velhas árvores e sentiam pequenos potentes choques – como se aquelas ancestrais árvores fossem a morada de deusas-feiticeiras que, ao serem tocadas, despertavam os sentidos todos de seu corpo. Que força crescente era aquela que estava sentindo? Agora aguçados, os sentidos, de longe avistara plantas, lírios e flores de todo o tipo e cores, flores amarelas - esta última Cana de brejo. Sorriu, e ouvia o som de uma chuva próxima e das águas doce de rios e cachoeiras. Um arrepio percorreu-lhe todo corpo nu, estremecendo por inteiro, tremulando, transbordando de si. E o luar a iluminar a jornada aos poucos cedia lugar aos raios Sol. Onde estariam Nhá *Nanãinha* e *Emafé*?

Parou diante aquela imensidão doce água, doce que caía verticalmente do alto a encontrar horizontalmente as águas docebaixo. Ao longe, a delicadeza dos horizontes, as flores amarelas da cana de brejo a tocarem-lhe os pés e as pernas. Bebeu um pouco daquela água que se misturava a erva. Um delicado chá direto da natureza. Mais um pouco caminhou, contemplou-se no espelho d'água, como era linda. Não se reconhecia. Sorriu, sentiu-se, redescobriu-se.

Um fio de sangue vermelho escorreu vagarosamente pelas suas coxas, pelas suas pernas torneadas e, aos poucos, o fluxo cresceu. Menstruou. Vermelhosangue vivo com fios dourados. Geraria vida dentro de sua vida. Banhou-se e tocou-se demoradamente, banho de energia, autoconhecimento naquela água fonte de vida e força infinitas. Seus cabelos crespos brilhavam com as pequeninas gotas d'água, transparentes que formavam uma tiara. Era rainha, de adê de cristais d'água a cair delicadamente em seu rosto.

As aréolas estriadas de amarelouro contrastavam com o negrume de sua pele, seus fartos seios esplendorosos, volumosos e redondos despontavam firmes, arredondados, prontos e preparados para fonte de prazer e alimento. Desenhava-se em seu novo corpo, em seu ventre, levemente bojudo, convexo, não magro e forte para receber e dar AMOR, ilustrações. Linhas misteriosas, desenhos enigmáticos apareciam em pequenos trechos cunhados e inscritos em seu corpopele negra. A leitura de sua pele somente caberia e poderia ser decifrada por especial *ojú*.

Onde estariam *Nanãinha* e *Ewafé*?

Orgulhosas, com ervas e folhas em mãos, *Nanãinha*, *Ewafé* e *Oxumãe* sorriam alegremente. Mais uma que realizara a travessia, agora mais se reconhecia. A cauda dourada em tons misturados de ouro nas escamas, verdefolha, azulcéu delicados delineavam o novo corpo negro de Maria, metade peixemulher, metade mulherpeixe, inteira femininamulher.

E jogaram as ervas e mais folhas para a água corrente levar o axé ao banho de Maria.

Viva, Maria! Agora Alika, a mais bonita.

Glossário

Nanã – Orixá presente desde a criação da humanidade, considerada a avó e parte da memória da humanidade. Orixá a lama, do barro, da argila que representam a origem do ser humano.

Ewá – Orixá símbolo da sensualidade, de grande sabedoria e com o dom da vidência.

Oxum – Orixá do amor, da beleza e da fertilidade.

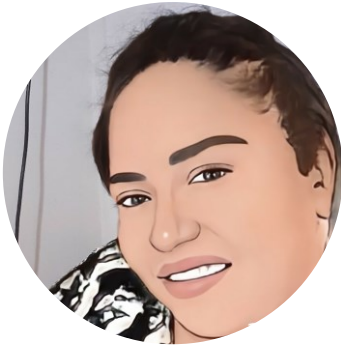
Ojú – significa olho em iorubá.

Alika – nome africano, provavelmente nigeriano, que significa “é a mais bonita.”

MERIDALVA GONÇALVES DE SOUSA

*“[...] ela distribui saúde com
suas ervas [...]”*

MERIDALVA GONÇALVES DE SOUSA



Sou **Meridalva Gonçalves de Sousa** nasci no povoado Macapá 1º distrito de Caxias Maranhão. Filha de Maria de Jesus e Geraldo Sousa meus maiores exemplos e a estes minha eterna gratidão. Sou professora e amo o que faço. Mãe do João Cláudio e da Olga Sophia, presentes de Deus em minha vida e

neles todos os dias renovo o amor, a alegria e forças para enfrentar as adversidades. Sou licenciada em Letras pela Universidade do Estadual do Maranhão (UEMA) e obtive o título de Mestre pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E parafraseando Cora Coralina... Eu sou a mulher que posso dizer que subi cada degrau da vida removendo pedras (e foram muitas) e cultivando flores aqui representadas pela família, amigos e uma vida dedicada à educação de Caxias- MA.

Os raminhos de Dona Tetê

Dona Tetê era daquelas que tinha que levantar muito cedo, de madrugada para poder dá conta dos afazeres diários. Antes do amanhecer, fazia comida e, naquele dia não foi diferente, cozinhou arroz com quiabo, abafou com folha de Pajaúba e colocou um prato de esmalte na tampa da panela com uma enorme pedra para que o cachorro magro do Seu Zé não comesse o almoço dos dois filhos e dos três netos que eram as suas companhias e saiu para a mata com cofos, sacos e pequenas sacolas para trazer já separadas as folhagens medicinais que a ajudavam no sustento da casa.

Tetezinha, como era conhecida, de segunda a quinta-feira trabalhava duro, na quebra de coco e as sextas-feiras e os sábados ela se dedicava a fazer azeite e conservas para vender nas feiras ou apenas para atender os pedidos de clientes que eram certos de todo mês.

Dona Tetê dizia que trabalhar era sua diversão, por isso ocupava o pouco tempo que restava no preparo de remédios caseiros. A estes ela dava uma atenção maior, pois os lambedores e outras misturas tinham segredos especiais: as ervas precisavam ser colhidas antes do sol nascer e eram preparadas na calmaria das madrugadas.

Foram os comentários sobre a dedicação com a colheita das plantas de ciência que fizeram com que minha avó e eu andássemos quilômetros numa carroceria de uma picape, com bancos de madeira para poder conhecer Dona Tetê e conseguir com ela a solução para queimação de estômago, doença que andava tirando a vida de um sobrinho de minha avó que já havia

gastado fortuna com médicos que apenas o ajudavam a melhorar, mas a doença sempre estava de volta e cada vez mais forte e já o fazia perder a esperança de saúde.

Chegamos à casa de Dona Tetê perto do meio-dia, encontramos apenas os três netos e lá para o fim da tarde chegaram os dois filhos que nos encontraram sentadas em dois tamboretos à sombra de uma mangueira no terreiro da frente da casa. Dissemos a eles que fomos bem recebidas, que havíamos almoçado o melhor arroz de quiabo já experimentado, que os meninos eram boas companhias e que estávamos aguardando a Dona Tetê e que o nosso interesse era adquirir os recomendados remédios caseiros.

Pela recepção dos dois homens, vovó concluiu que a educação e a gentileza das pessoas eram marcantes naquela casa, pois os filhos e os netos eram educadíssimos. Não demorou muito para vermos uma senhorinha de baixa estatura e bem franzina aparecer no caminho, coberta pelos sacos que trazia pendurados nuns ganchos de pau cruzados em seus ombros.

A senhorinha já chegou com um grande sorriso no rosto, saudou-nos com boa tarde e pediu aos netos que trouxessem uma cadeira e um copo de água bem fria. Os netos a atenderam rapidamente. Nessas alturas, eu já me tornara a melhor amiga da neta de Dona Tetê, depois dos primeiros instantes da chegada e das primeiras conversas, percebi que a menina gostava de livros e que tinha muito apreço pela escrita e por desenhos, e isto fora suficiente para darmos os primeiros laços de amizade.

Vovó quis saber se Dona Tetê estava muito cansada e com fome e a resposta foi negativa. Dona Tetê afirmou que

estava acostumada com a rotina e que o dia de apanhar ervas, era um dia de muito prazer.

- Eu sempre acordo animada, o serviço é leve e o dia passa muito rápido, afinal no mato eu me distraio observando, cheirando e na maioria das vezes, concentro-me para ouvir os sons da mata e isto não me cansa. Hoje o dia foi ótimo, eu ouvi o canto de um pássaro que fazia tempo que não aparecia por aqui. Então, eu fui me achegando para o lado de onde vinha o canto, quando olhei pro lado dei de cara com um ninho feito numa moita de araquá, cheio de filhotes do pássaro, é prova que daqui a alguns dias serão muitos. Disse Dona Tetê.

Vovó quis saber mais sobre Dona Tetê.

- Mulher eu tenho três filhos: Rodrigo, Maria Dasdores e Carlos. Os homens ainda moram comigo, são bons filhos, trabalhadores e companheiros. A menina com certeza levanta mais cedo do que eu. Ela mora em São Paulo, precisa pegar duas conduções para chegar até a casa dos patrões. Os filhos dela moram comigo, dois meninos e uma menina e são os meus brinquedos, gosto muito dos meus netos. Como todo dia preciso trabalhar eu já deixo a comida deles feita e eles ficam cuidando da casa e dos estudos. Vão pra escola no ônibus que passa na porta de casa e quando chegam, almoçam a comida que deixo aquecendo no fogareiro quente.

Rodrigo, o meu filho mais velho, não gosta dos esforços diários que eu faço, mas ainda não sou aposentada e não posso gastar toda a ajuda que minha filha manda com a comida da casa, então, eu guardo um pouco para o dia de necessidade e continuo trabalhando. Comenta Dona Tetê.

- Não gosto quando Rodrigo diz que minha filha só procurou cabra safado pra ser pai dos filhos dela. Ele ofende a mim e aos meus netos, mas no fundo eu sei que ele fica é preocupado com a criação e o futuro dos sobrinhos. Já Carlinho é calado e sempre encontra tempo nos fins de tarde, pra se distrair com os sobrinhos chutando uma bola furada de um lado pra outro do terreiro na maior algazarra. É igual menino. A minha neta é zelosa com a casa e gosta muito da leitura e por isso, é orgulho de todos nós. Os professores deles são da cidade e de vez em quando passam por aqui e dizem que eles não dão trabalho na escola. A Marina é a mais elogiada já que tem inteligência e interesse destacáveis.

Dali mesmo, a minha avó foi com Dona Tetê para o riacho tomar banho enquanto podiam aguentar a água fria do córrego. Quando chegaram, foram direto para a cozinha como duas amigas, apesar de naquela tarde acontecer o primeiro encontro das duas que num instante se tornaram amigas inseparáveis até a morte de vovó.

Lembro que naquele início de noite, Dona Tetê dizia que iria fazer um arroz com feijão e iria preparar uma torta de sardinha para a janta, mas a minha avó disse que no saco que estava em cima de um banco na sala, desde a hora que chegamos, tinha um bom pedaço de carne de sol e não demorou muito para eu e Marina sentirmos do quarto, o cheiro da carne fritando.

Naquela noite eu dormi cedo e minha avó ficou acompanhando Dona Tetê fazer a separação das folhagens, das cascas de pau, das flores, das raízes e ali, minha avó conheceu peles de cobra e de alguns lagartos que eram também usados em alguns remédios caseiros.

A nossa presença em nada alterou a rotina da família, durante a janta, todos perguntavam querendo saber mais vida dos novos amigos. E, depois do jantar, Rodrigo foi ao quarto e de lá saiu com duas redes bem grandes para armar na sala, onde eu e minha avó iríamos dormir. Porém, vovó disse que não precisava, porque nossas redes estavam na sacola. Então, ele as armou e logo se recolheu dizendo que Dona Tetê, com certeza, ficaria até tarde acordada.

Não sei até que horas minha avó ficou conversando com Dona Tetê, sei apenas que na manhã seguinte, por volta das cinco horas da manhã, nós já estávamos de volta na mesma picape e minha avó não levava nenhum remédio na sacola.

Na semana seguinte, foi a vez de recebermos Dona Tetê em nossa casa. Ela trazia muito bem seguro, dentro de um pequeno e estreito cofo, um litro com uma beberagem para o sobrinho da vovó, o Jorge. Depois, vieram mais dois igualmente protegidos.

Jorge, que morava longe da gente, todos os dias conversava por telefone com vovó falando que se sentia cada vez melhor. Não demorou nada para Jorge afirmar que os remédios de Dona Tetê curavam doentes despachados pelos médicos.

Vovó e Jorge foram muitas vezes à casa de Dona Tetê e numa dessas viagens chegaram com a história de que Dona Tetê vivia às turras com Marina porque esta queria conhecer as plantas e anotar as quantidades para poder testar em laboratório a eficácia, já que Marina se tornou estudante de farmácia e dizia que foi graças à influência da avó.

Vovó acreditava que existia ciência com o período de retirada das plantas, com o dia e até com o comportamento da

pessoa que prepara o remédio caseiro. Ela acreditava no ritual que Dona Tetê seguia desde a colheita até entregar ao necessitado.

Recentemente, conversei com Marina e ela me disse que Dona Tetê repassou muitas informações pra ela, porém é preciso ainda muitas testagens em relação às medicações. Ela acredita que o maior problema é o modo como Dona Tetê faz: nada medido ou pesado. Tudo de tino o que dificulta as análises laboratoriais. Então, eu disse a ela que o maior ingrediente era a fé de Dona Tetê e das pessoas que buscavam os remédios.

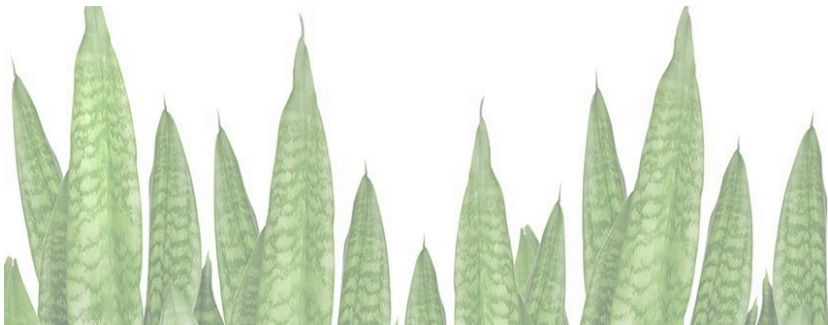
Quando eu conversei com o Jorge, Dona Tetê sempre faz parte da conversa, porque eu hoje, assim como ele concordo que ela distribui saúde com suas ervas, pois sempre que meus filhos estão gripados ou com catarro colado no peito, só ficam bons quando tomam os lambedores que adquiero com ela, numa banca que fica não muito visível no mercado central da cidade.

Outro modo de curar de Dona Tetê era com rezas e orações e os meus filhos foram levados pela bisa deles quando pequenos, para que Dona Tetê os curasse de quebranto, rezando baixinho e com movimento imitando o sinal da cruz, feito com o raminho de folha de vassourinha com folha de pião roxo. Jacinto, o mais novo, quando tinha uns seis anos teve uma febre duradoura e reclamava de dor de cabeça, fiz consultas com dois pediatras, porém foi só Dona Tetê rezar para tirar o sol da cabeça com a garrafa de água no paninho e depois suspender as arcas caídas com uma fralda amarrada na cintura do menino ele ficou bom.

Assim como vovó acreditava nos remédios de Dona Tetê, eu acredito nos remédios e nos raminhos de Dona Tetê até hoje.

NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar. Mas antes um banho de sal grosso para esta segunda-feira descarregar.



NÁGILA OLIVEIRA DOS SANTOS



Mestra em Educação, Demandas Populares e Contextos Contemporâneos com ênfase em Educação para as Relações Étnico-Raciais, Especialista nas áreas de História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras e em Educação Indígena. Criadora e diretora da Revista *África* e

Africanidades. Pesquisadora das temáticas africanas e afro-diaspóricas, escritora de literatura negro-brasileira e psicanalista clínica. Na área de literatura organizou os livros *Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras*, da Coleção *Cadernos África e Africanidades* (2009), *Okumana: vozes e olhares sobre a literatura moçambicana* (2019), *Ngangu: vozes e olhares sobre a literatura angolana* (2021), *Mulheres das Águas: antologia de contos, crônicas e poemas* (2021). Tem contos e crônicas publicadas nas antologias *Mulheres Negras: resistência histórica* (2019), *Escrituras Negras II: as marcas* (2021), *Sinergia* (2021) e *Mulheres das Águas: antologia de contos, crônicas e poemas* (2021). Atua como palestrante e ministrante de cursos sobre literaturas africanas e afro-brasileira.

Qual erva usar?

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar. Mas antes um banho de sal grosso, para esta segunda-feira descarregar.

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar. Mas antes um chá de mãe-boá, para o reumatismo acalmar.

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar. Mas antes uma reza pra Virgem Maria, para o seu dia guardar.

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar. Máscara no rosto, carteira de trabalho no bolso e marmitta de mexido de ovo.

Não há silêncio lá fora. Na verdade quase nunca há.

Mãe e filho descem juntos os becos e vielas levando em suas carteiras alguns trocados, identidades e um patuá.

Margarida caminha com orgulho ao lado do filho trabalhador. Passou no ENEM e no segundo semestre vai estudar pra ser doutor.

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar. Margarida conversa sobre as dores da noite e as ervas que precisa comprar.

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar. Jorge conversa sobre amores não correspondidos e pergunta à mãe que ervas precisa usar.

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar. Pássaros de chumbo voam no ar.

Usei o abiu-abieiro de forma invertida para a ferida de menino cicatrizar. Mas agora que estás em meus braços, qual erva usar?

Usei o jambuaçu para a tosse da madrugada passar. Mas agora que seu peito quieto está, qual erva usar?

Usei a arapoca-branca para a febre amenizar, mas agora que sua frente esfria, qual erva usar?

Qual erva usar nesta selva de pedra?

Qual erva usar para deste pesadelo acordar?

São quatro da manhã, é hora de ir trabalhar.

Usei caferana-alumã para estômago e intestino purificar. Mas agora que só ouço o gritar dos pássaros de chumbo, qual erva usar?

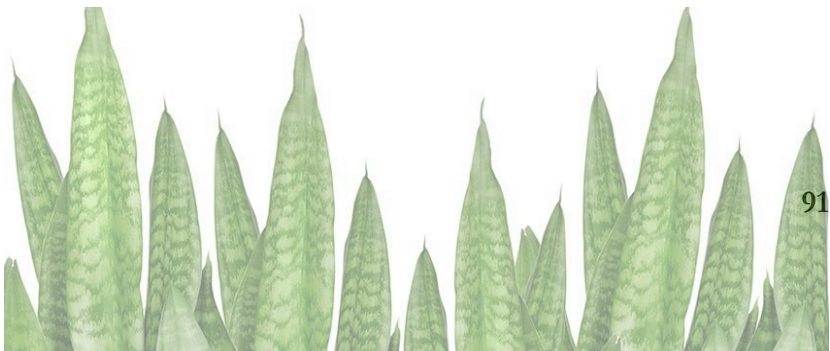
Usei o camará-cambará e a gigoba-amarela para sua rouquidão de menino curar. Mas agora que sua voz se silenciou, qual erva usar?

Usei a camomila-marcela para o seu apetite chegar. Mas agora que foi engolido pelos pássaros de chumbo, qual erva usar?

Usei a erva-cidreira para sua agitação de menino passar e o sono chegar. Mas agora que estás morto em meu colo, que erva usar?

NELSON ANTÔNIO PINHO SANTOS

*“Meu corpo responde
aos sons, aos cantos, e o
corpo vibra com cada
reza”.*



NELSON ANTÔNIO PINHO SANTOS



Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2021. Formado em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) na PUC-Rio em 2013. Foi produtor editorial na ONG Instituto Alfa e Beta. Tem experiência na área de

Comunicação, atuando principalmente com projetos sobre narrativas orais e memória social. É um dos idealizadores do projeto Rio Invisível, que desenvolve pesquisa de narrativas com pessoas em situação de rua. Atualmente, pesquisa as tradições orais das benzedeadas no Vale do Paraíba Fluminense.

Fé no ramo pra passar

Quantas forças são conduzidas com o benzimento. As sensações que se manifestam nas práticas de cura das benzedeiras vão do cheiro dos chás e café passado, ao aroma das ervas como arruda, alecrim ou guiné, à imagem do paninho a ser cosido, ao sussurrar das preces com o cintilar do terço bento.

O raminho secava quando carregados e a dor passava com a água que borbulhava em nossas cabeças. Venho de uma família que traz a força do benzimento. Histórias que marcam minha vida e da comunidade onde cresci. Dona Esmeralda, Tia Rose, Tio Nardinho e tantos outros. O valor à cura pela reza foi transmitido como herança, ir atrás de sanar as dores, as torções e alergias. Guardo comigo o desenvolvimento de confiança e autoestima. Foram inúmeras idas até as rezas e a fala era geral: “esse quebrante é ocê que tá se pondo, meu fio”. Muito cedo, criança ainda, aprendi que o “olho gordo” tinha a ver com uma interferência no processo de construção da minha realidade, um desvio naquilo que eu acreditava. Se eu duvido da minha forma de perceber o mundo, o que me sustenta? O que daria sentido? O bendizer é uma prática de curar e encantar o mundo.

Meu corpo responde aos sons, aos cantos, e o corpo vibra com cada reza. A ideia de múltiplas forças que sustentam um ser se iniciou com o cuidado e encantamento de meus mais velhos. Três benzedeiras – Dona Fatinha, Nara e Tia Rose, conversaram comigo para compor meu estudo sobre as práticas de benzimento na cidade de Valença, interior do estado do Rio de Janeiro.

No dia 13 de novembro de 2019, pego o ônibus na rodoviária Novo Rio e volto para a cidade onde nasci e me criei.

A visita à minha família será também dedicada para reviver memórias. Um fim de semana quente, com o céu pintado a muitas cores. Na tarde de um sábado com o céu cortado em rosa, vou ao encontro dessas guardiãs da cura.

Nara é uma prima benzedeira de quem lembrava morar perto de outras rezadeiras. Antes de nossa conversa, ela me levou até dona Fátima, sua amiga e irmã de terreiro. Fatinha, para os mais chegados, atende em casa, situada próxima ao hospital da região. Já no portão, um terreno cheio de plantas, Nara vem anunciando nossa chegada. A casa é pequena; na entrada, um cachorro descansa. “É dos vizinhos, mas passa o dia inteiro aqui”. Dona Fatinha demonstra sua arte de encantar os seres ao seu redor. Ela pede para entrarmos, pois a porta já estava aberta, numa anunciação de abertura e confiança com o mundo: “Senta, meu amigo”.

Em sua casa, quadros e símbolos nas paredes fazem o recorte de seu repertório de reza: desenho de Jesus Cristo, imagem da Última Ceia, desenho de Preto Velho, uma borboleta, desenho de leão, quadros de flores emoldurados, conchas do mar, chapéu de boiadeiro, máscaras africanas, quadro das divindades hindus Krishna e Radha, e tantas outras imagens que compõem seu altar expandido. No início de nossa conversa, o sino da igreja começou a tocar. Era seis da tarde.

Com 30 anos de iniciada na umbanda, dona Fátima contou que herdou o dom do benzimento das bisavós, parteiras e rezadeiras. O aprendizado pela observação em contato com suas tias e tios a trouxe ensinamentos e muita fé. Seu corpo incorpora muitos saberes, sistemas de mundos e o ato da reza é uma prática que leva cura.

A relação com o meio ambiente em que vive, evocando paisagens e culturas ancestrais, compõe sua cosmovisão. Fatinha mantém contato com aqueles que vão até seus cuidados. Ela diz “As pessoas vêm me chamar, eu atendo terças e quintas aqui em casa. Nunca saí pra procurar nenhuma, elas que vêm até mim”.

Dona Fátima transmitiu conselhos, relatos íntimos, recados que deveriam ser passados, então, o benzimento. Ela se levantou, foi até o quintal e retirou 3 folhas de boldo. Disse que também gosta de rezar com folha de guiné, mas afirma que qualquer ramo serve. A tarde quente agora escurecia, os aromas das ervas de seu quintal desabrochavam, inundando todo ambiente. Ao retornar e começar a me benzer, Nara, que acompanhava tudo à distância, fez uma trança em seus cabelos. Dona Fatinha não deixou de comentar “Sua cabocla está ajudando a fazer os serviços”. Ambas se curam, rezam uma à outra. “A gente que reza pros outros, precisamos que rezem por nós”.

A conversa seguiu com Nara, a poucos passos de sua casa. Ela afirmou ter desenvolvido sua mediunidade, suas diretrizes e firmamentos em conexão com suas guias ciganas. Nara atende também em sua casa, tira as cartas e abençoa quem estiver necessitado. Mas destacou que é necessário saber como preparar a si e o ambiente para auxiliar alguém. Tem em seu altar de proteção a imagem de um casal de ciganos que a acompanha há muitos anos, a imagem de Santa Sara Kali e outras representações que dão fio a suas práticas. O jeito alegre de Nara é expansivo, sua gargalhada já transforma o ambiente.

No fim do dia, já à noite, encontro com Tia Rose. Melhor amiga de minha mãe, fui criado também sob seus cuidados. Tia

Rose guarda o conhecimento passado de mãe pra filha, afirma que o que sabe vem também de procedimentos incorporados de seus estudos espirituais e observação de outros rezadores. Sempre foi espírita, se iniciou na umbanda e reconhece suas práticas como uma amálgama de diferentes matrizes. Para ela, a força da cura não é “uma coisa ou outra”, mas sim, “tanto quanto a outra”.

Para essas benzedeiças, no ato da reza, quando as orações versadas chegam até o consulente e a fé deste se renova, a cura pode ser efetuada. A fé é o que guia e orienta as experiências do cuidado pela revitalização do ser e da vida.

A simplicidade para muitas guardiãs da cura se conecta aos ciclos naturais, no integrar as intuições que geram o encantamento não só com as palavras, mas através do comando das folhas sagradas. No mercado municipal da cidade é possível se deparar com as barraquinhas de raízes e ervas, com seus vendedores sentados em seus banquinhos conversando e receitando tratamentos das mais variadas mazelas. No mercado da vida, as trocas pela cura seguem ativas, em atualização e firmamento. Seguimos aprendendo, intuindo e agradecendo ao que nos fortalece. Como diz Dona Fátima: “A vida da gente é uma escola. A gente nasce pra aprender e morre sem saber. Quando você pensa que aprendeu tudo, você não aprendeu nada.”. Sigo na cura, no cuidado e aprendizado.

NERIZE PORTELA MADUREIRA LEONCIO

*“Banhos de cheiro, de folhas, lavanda,
manjerição... Alecrim, alfaçema capim caboclo
e talinbo de arruda... Pra espantar maus
pensamentos, aflições e azedumes”.*



NERIZE PORTELA



Natural de Minas Gerais e enraizada na Bahia desde a década de 90, é artista visual graduada pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e professora em formação. Apesar de escrever desde a infância, apenas recentemente têm publicado seus textos e poesias de forma escrita e de maneira multidisciplinar, intercalando a poesia, o audiovisual, a performance e as artes visuais. Pós-Graduada em Dramaturgias Expandidas do Corpo e dos Saberes pela Universidade Federal do Sul da Bahia. Nerize atua como pesquisadora da cultura afro-brasileira e ameríndia, como arte-educadora e produtora cultural, tendo colaborado com diferentes grupos e mestras da cultura popular ao longo de sua trajetória.

Abrindo o véu

Cá estou eu caminhando entre nuvens. Saio de casa às 9 sem saber muito bem como chegar. Mas sinto meus pés caminhando sobre a certeza do destino. Levada por mãos e pés firmes. Levo uma mochila com roupas brancas e azuis.

Escolho comer dourado na noite anterior. Assim foram mel... Gengibre... Banana... Um galinho de arruda no bolso. Roupas azuis e jeans, chinelo de dedo nos pés.

Amanheceu um dia lindo apesar da tempestade de ontem.

É... foi uma intensa semana de preparação. Vela acesa oração... Banhos de cheiro, de folhas, lavanda, manjerição... Alecrim, alfazema capim caboclo e talinho de arruda... Pra espantar maus pensamentos, aflições e azedumes.

Vestir branco, tomar chás, purificar... eu chorava e ao mesmo tempo sorria...

Parecia um balé sincronizado... começou com uma dança naquela segunda-feira, dancei coco como nunca... meu corpo pulsava alegria, êxtase, prazer. Ao final da dança veio o chamado....

Estava eu neste iniciar com o pensamento saltitante, sobressaltado, ansioso. De vez em quando uma lágrima me escorria. Um excesso de sentimentos confusos foram apaziguando-se em meu interior...

No subir e descer escadas minha saia branca em contraste com a madeira e meus pés... Cores, ervas e cheiros... performances de apartamento para um público único e íntimo: eu mesma... rituais, benzeduras com ramos de folhas, carinhos,

cheiros, esfregar no corpo chicotear levemente... Acalento e Descarrego...

Dos olhos me saíam lágrimas e da nuca brotavam arrepios. Mas começara muito antes. Desde quanto me mudara para aquela casa... com canteiro, tomateiro milagroso, ervas de cheiro plantadas... desenhos espalhados pelas paredes, de seres humanos abraçados às folhas e à natureza... Pretos *véios* fumando cachimbos, arrudas, espadas de São Jorge em cada canto da casa....

Veio assim se abrindo o véu de minha cegueira... comecei a fabricar meus objetos: incensos... eu era conduzida pra uma série de práticas, por uma força maior que eu, espécie de sabedoria interior e exterior, através dos sopros no ouvido...

Estavam todas as matérias à minha mão, plantadas no canteiro. Ervas outras guardadas. Um chumacinho restante do capim de aruanda colhido lá no quintal de D. Zilda quando iniciei meu tratamento. Quando de lá saíra recomendara-me o guia espiritual:

- Folhas da Capeba
- Folhas do Bem-me-quer
- Folhas de Alfazema
- Folhas do Capim Caboclo
- Folhas do Jamborão

Tomar o banho antes do pôr-do-sol, acender uma vela pro anjo da guarda. Conversar com ele. Pedir proteção. Defumação de trás pra frente e de frente pra trás, na casa com alfazema, alecrim e incenso...

De meus olhos brotavam lágrimas. Havia rios em meus olhos. Aqueles mesmos rios que eu vira brotar dos olhos de Geraldo, tão naturalmente ao contar histórias de sua família.

Parecia algo do destino. Não havia o que temer, eu ia em direção à minha missão com a alma limpa...

Fui entrando numa espécie de transe durante a semana. E quando coloquei os pés pra fora de casa. Só senti o sol banhar meu rosto.

No carro de lotação já a caminho eu olhava aquele céu flutuante de nuvens de algodão flocada... alternando tons azuis... cinza claros e branco prateado intenso... os azuis eram também diversos... estava ali uma pintura diante de meus olhos. Foi orando e agradecendo cada minuto da jornada. A minha alma estava inundada com as cores da criação...

PAULA ANIAS

*Maria com dois te botaram
Com três eu te tiro
Com os poderes de Deus e
da Virgem Maria*



PAULA ANIAS

Escritora, poeta e produtora cultural do Território de Identidade do Recôncavo

Reza de Bia, pra tirar mufina, mandinga e olhado

Maria José Menezes, Dona Bia, nasceu pelas mãos de Ana parteira famosa, na Rua 15 de Novembro no dia 15 de outubro de 1944, na cidadezinha de Sapeaçu, terra de povos originários, Tupinambás e Cariris, no Território de Identidade do Recôncavo da Bahia. Sambaderia desde menina, aprendeu a cantar e dançar nas rodas de samba e batuque depois das rezas com seus avós maternos, Eremita dos Santos Menezes e Pedro Adolfo de Menezes e com sua mãe Adelaide Santos Menezes a arte da benzedura.

Reza minha filha, com as folhas que tem o poder de curar, tirar todo o mal, espantar e o olhado retirar, pra mandinga quebrar. Dona Bia é uma matriarca que cultivava crenças seculares, tradições, costumes e peculiaridades do povo baiano no Recôncavo, que ajudam a perpetuar nossa ancestralidade, identidade e sentimento de pertencimento, elementos que compõem matrizes do sincretismo religioso e faz com que a Bahia se torne um estado de graça.

Reza de Bia

Maria com dois te botaram

Com três eu te tiro

Com os poderes de Deus e da Virgem Maria

Se for de gorda, pras ondas do mar...

Se for no falar, pras ondas do mar...

Se for no trabalhar, pras ondas do mar sagrado

Onde não canta galo, nem galinha

Com os poderes de Deus e da Virgem Maria

PITUKA NIROBE

“Vovó tocou a maraca cantarolando a melodia e pude ver o bailar das folhas secas e sentir uma forte energia que envolvia toda mata [...]”

PITUKA NIROBE



É uma mulher negra, nascida na Comunidade Quilombola da Ilha de Marambaia no Estado do Rio de Janeiro. Bibliotecária, escritora de literatura afro-brasileira, atriz, contadora de histórias, gestora de museus e projetos culturais. É a primeira quilombola a escrever literatura infantil. Como processo

criativo utiliza sua vivência, reconta histórias familiares e dos velhos akipalôs (contador de história). Para ela, a literatura tem como objetivo promover o sentimento de pertencimento. Como na confecção de uma colcha de retalhos, cada pedaço é único, fruto de experiências nas diferentes expressões linguísticas e culturais, que ao juntar-se a outros pedaços de oralidade vai costurando uma escrita negra própria e salvaguardando o conhecimento ancestral.

A guardiã da flora

Lembro-me quando criança minha avó Toninha descrevendo com muito orgulho a clareira em plena mata atlântica na região da costa verde do Rio de Janeiro, em terras de remanescentes quilombolas, onde nasceu e foi criada, e de como meus trisavôs ali se instalaram no ano de 1911 meu trisavô Joaquim um ex-escravizado que serviu por muito tempo como cocheiro na fazenda do Barão de Pirai, trisavó Lucena que fora a mãe preta alforriada de uma fazenda de café nas redondezas de Paraty.

Num certo momento os pés de Joaquim e Lucena se encontraram na encruzilhada do destino e juntos passaram a dividir uma vida simples regada de muito amor que distribuíram entre seus 13 filhos e 42 netos. Minha avó Toninha foi à penúltima neta de Joaquim e Lucena.

Na comunidade meus avôs Toninha e Zezé criaram seus 7 filhos, mas por conta da dificuldade de sobrevivência no quilombo, 5 de seus filhos partiram em busca de oportunidades na cidade grande. Mas sempre que podem a família se reúne no quilombo. E no vai e vem dos dias frenéticos da cidade contrapondo-se com a tranquilidade do quilombo eu fui vivendo, e aos meus 13 anos, vovó chamou-me em seu quarto e cochichando baixinho foi me dizendo: – Minha neta querida é chegada a hora de você assumir o meu lugar.

Confesso que não entendi o que vovó estava tentando me dizer, mas como eu sempre fui apaixonada por tudo que ela falava e fazia, dei de ombro e aceitei sem pestanejar. No dia seguinte Vovó Toninha me convidou para um passeio diferente,

no caminho em direção da mata ela ia balançando a maraca e entoando uma bela melodia que eu tentava acompanhar cantarolando os versos incompletos e sacudindo a cesta de piquenique com frutas, bolos, doces e sucos que ela preparou com muito carinho. Quando alcançamos a mata fechada, vovó sentou-se num toco de árvore seca que parecia um trono, carinhosamente com um gesto simples apontou o chão coberto de folhas secas onde sentei meio desajeitada, serenamente a sábia Toninha iniciou sua fala: - Maria trouxe-lhe aqui para uma experiência importante, é chegada a hora de você assumir a herança de nossa família.

Neste momento ao tocar em minha cabeça com suas mãos suaves sentir um enorme calor subindo do solo envolvendo meu corpo e saindo pelos meus cabelos, enquanto vovó continuava sussurrando: - Maria minha neta amada, peço que você não se deixe levar pela beleza do local, abra seu coração, esvazie sua mente e perceba seus sentidos, visão, olfato, tato e paladar. Perceba a textura do chão sob seus pés, a leveza das folhas em suas mãos, o cheiro de ervas no ar e a brisa fresca a acarinhando sua face.

Eu estava completamente envolvida na magia poderosa da natureza, ouvindo apenas a voz suave da vovó que me mandava respirar bem fundo e fechar os olhos para conectar-me com o cosmo, o infinito, acho que ela quis dizer universo. Embora eu estivesse confusa com toda aquela experiência, a curiosidade me excitava. Num instante pude saborear o gosto de seiva na boca, escutei o som do vento atravessando as folhagens, sentir meu corpo flutuar e toquei algo macio, e enxerguei meu corpo inerte sobre o solo. Algo estava acontecendo comigo, mas

antes que o medo tomasse conta de meu corpo, vovó tranquilizou-me. Eu estava sendo preparada para receber os ensinamentos ancestrais. Vovó pediu para que eu percebesse com olhar interna a luz divina que irradiava dos troncos e folhagens, e quanto mais velha a árvore fosse maior era sua luminosidade. Dos caules pude ver a seiva circulando como sangue verde por todos os poros das plantas. Vivenciei a magia das fadas, gnomos, silfos, ninfas, duendes e salamandras. Adormeci por um bom tempo, e quando despertei estava nos braços da vovó, que com um largo sorriso, beijou minha cabeça e perguntou-me: - Podemos continuar o aprendizado? Fiquei surpresa com a pergunta de Toninha. Depois de tudo que vivi nestas horas ainda tinha mais? Foi quando percebi diversas ervas e folhagens ao meu redor. Maria disse vovó: - Esta é a vida no reino natural da flora, apontando as ervas. Agora você esta ligada ao mundo dos encantados e o mundo real, é preciso saber distinguir as árvores, as plantas e as ervas, pois cada uma carrega em si a magia, cada uma possui um poder; umas detém o poder de curar, outras o poder de tirar a vida, muitas tem a função de alimentar os seres humanos e os animais, e algumas folhagens servem para decorar a natureza.

Achei tudo àquilo fascinante embora muito difícil de entender, então afirmei: - Vovó! Acho muita coisa para eu me lembrar, é tudo tão confuso. Toninha sorriu dizendo: - Não se preocupe Maria o que você aprendeu hoje nunca mais esquecerá. Agora vamos nos sentar, pois ele já está chegando. Olhei desconfiada para todos os quatro cantos daquela imensa mata e não vi uma única alma viva, somente eu e vovó. Intrigada perguntei: - Vovó quem está chegando? Ela olhou pra mim

fazendo um sinal para eu ficar em silêncio e disse baixinho: - Ossaim, a divindade sagrada, o guardião da flora, está chegando neste vento suave. E senti a brisa que passeava pelas folhagens, e aos poucos foi envolvendo o ambiente, vovó então começou: - Maria! Vê esta erva? chama-se cidreira é usada para combater a ansiedade e o estresse, este é o capim-santo cura insônia, ansiedade e febre. Está vendo aquela árvore fina e bem alta é a palmeira, de seu caule tiramos o palmito. E aquela árvore enorme ali é embaúba a preferida do bicho preguiça suas folhas servem como alimento. Interrompi o aprendizado com uma planta linda que chamou minha atenção, gritei: - Vovó para que serve esta linda folhagem? Vovó franziu a testa e disse: - Maria não se deixe levar pela aparência, essa é a olho-de-boneca causa parada cardíaca em questão de minutos, esta aqui é a espirradeira contamina o sangue, e esta aqui é a comigo-ninguém-pode causar asfixia, essas são as plantas venenosas, tenha muito cuidado.

O sol já estava no meio do céu quando finalmente vovó deu por encerrado o meu treinamento, eu sabia que daquele dia em diante seria a guardiã dos segredos das folhas. Vovó percebendo que eu estava com muita fome, forrou com uma toalha de linho vermelha bordada por ela mesma e sobre a toalha depositou todas as guloseimas que eu trouxe na cesta de palha. Percebi três pratos sobre a toalha, perguntei a mim mesma; - Por que três se somos apenas duas?

Vovó tocou a maraca cantarolando a melodia e pude ver o bailar das folhas secas e sentir uma forte energia que envolvia toda mata, um adocicado cheiro de seiva fresca espalhou-se pela região. Vovó reverenciou as folhas bailarinas e serviu um prato de frutas frescas. Sentamos para comer as guloseimas, enquanto

vovó falava numa língua estranha, eu só via o bailar das folhas secas. Assim que terminamos de comer, como por um passo de mágica tudo voltou ao normal, as folhas caíram sobre o chão, o vento sessou e vovó pediu para eu recolher as coisas que usamos no piquenique, obedeci em silêncio e tomamos o caminho de casa, enquanto caminhávamos de volta vovó Toninha foi me dizendo: - Maria, Ossaim, ele sempre a protegerá. Entenda. Na mitologia africana o mundo foi povoado pelos orixás e cada um domina uma função específica no universo, Ossaim é o orixá das folhagens tem o poder e conhecimento para utilizar a flora como bem desejar. Ele é o único que possui o igbó, a planta que guarda o segredo de todas as outras. E você minha neta, foi escolhida, é a herdeira desta tradição familiar. Ingenuamente perguntei: - Vovó é só isso, não é? Mas uma vez vovó sorriu e satisfeita me disse: - Alegre-se, minha querida. Amanhã aprenderemos a magia da cura através das folhas, já posso ver em seus olhos que você será a maior benzedeira de toda nossa família. Estou feliz por deixar o nosso legado em boas mãos.

POLLY FERREIRA

“Ela tinha o cheiro da terra e das cascas de planta-proteção, de planta-vida e de planta-re-existência, muitas vezes também era planta-dor, mas sempre planta-raiz, minha e de todas que vieram depois”.



POLLY FERREIRA



Sou Pollyana Ferreira, mulher preta, filha de Beatriz, neta e bisneta de Maria e Dudu. Sou Psicóloga Clínica, especialista em Análise Bioenergética e contadora de poesias entre outras artes.

Curandeiras do mato

Essa é a história que carrego na minha pele, de saberes passados de útero para útero, no contato dos pés descalço com o chão, nas raízes que se aprofundam no meu eu mulher. É a história da minha mãe, minha avó, minha bisavó e tantas outras que vieram antes e que seguem conectadas pela nossa linha ancestral. Mulheres pretas retintas trazidas pelo mar, feitas de água e sal, lágrima poderosa de dor e cura. Mulheres do mato, de aldeias que nem sei o nome, mas sinto através da terra e de cada plantinha que toco e vejo crescer. Raizeiras, parteiras, benzedeadas, curandeiras, mulheres-medicina todas elas e que hoje reconheço também em mim.

Da brutal violência colonial na nossa história apagada com sangue, refaço os passos através de dona Maria José e de dona Dudu, ancestralidades que me chegam aos ouvidos e no corpo. Nesse caminho, ainda pequenininha na rede, minha mãe me embalava e, antes que eu mergulhasse no sono, mais um pedacinho desse quebra-cabeças ela me contava. Dizia ela, que Dona Dudu, sua avó, quando criança foi arrancada de sua aldeia e trazida pelo campo, era indígena de uma etnia que nem ela mais recordava, desaprendeu a língua e o nome, mas no coração carregava a mata, conhecia as plantas de cura para todos os males. Sempre que surgia alguém a sua procura pedindo ajuda para alguma doença do corpo, da alma ou do espírito, Dona Dudu logo enrolava os longos cabelos num lenço, amarrava o avental, tirava as chinelas e entrava na mata sentindo o que precisa para curar o enfermo. Quando chegava a hora das dores de parto das mulheres da redondeza, sempre aparecida um menino pra chamá-

la e lá ia ela com seu candeeiro e uma sacola que ninguém podia mexer. Ela conhecia todas as rezas...

Em noites de lua cheia, Dudu ainda moça, dançava no terreiro e todos na vila vinham ver, era formosa e sábia. Seu marido muito ciumento a levou para uma casa afastada e lá a trancou. Durante anos Dudu se viu vivendo para parir, teve quase 20, todas com nome de Maria, santas, mas chamadas por outros nomes construídos no dia a dia das crianças: Prege, Locha, Pitota, Mulata, Nete, Neves... Cada uma delas carregava uma peixeira nos “quartos”, eram mulheres brabas, e ai de quem mexesse ou falasse mal de uma delas.

Conta mainha que um dia o marido de Dona Dudu “morreu de flechada”. Minha mãe pequenininha perguntava: - Quem matou seu marido Vovó? E ela respondia: - Foi o pai da mata minha fia. À tardinha, dona Dudu andava até o quintal para fumar seu cachimbo, sentava-se na cadeira de balanço e um furão corrido da mata e se enroscava em suas pernas, assim passava as tardes conversando com seus encantados, observando as cores das árvores, o cheiro do vento, os movimentos do sol e os ciclos da lua. Ela tinha longos cabelos negros, morreu sem nenhum cabelo branco e com quase 100 anos. Quando sentava no chão e começava a enrolar os cabelos, as crianças já sabiam: - Corre que vovó vai contar história! E subiam em sua corcunda. Ela contava histórias de Trancoso e Cumade Fulozinha, dizia até que um dia passou de morrer por colocar pimenta em seu cachimbo que a Cumade costumava fumar.

Dona Dudu não sabia ler as letras dos brancos, mas seu conhecimento e sabedoria eram orgânicos e mais fortes do que toda tentativa de apagamento de nossas raízes, falavam de uma

resistência no modo de vida que se atualiza no presente, no conhecimento que carregamos no corpo e que é mais poderoso do que a lógica imposta pela modernidade, que nos tenta arrancar do que ainda nos resta de humanidade, de coletividade, do nosso lugar na natureza.

Uma das Marias, sua filha, foi minha avó Maria José ou Dona Locha como era conhecida, mulher preta feita de terra e vida. No interior de Pimentel, Vila de Juçaral, era conhecida por costurar saias plissadas e fazer as primeiras calcinhas da região feitas de pano de saco, fazia também batom com urucum para as moças dançarem nas noites de forró do terreiro. Após a morte do companheiro, resolveu vir para a cidade em busca de trabalho para sustentar o filho. Em Recife trabalhou como empregada doméstica e conheceu meu avô, que trabalhava como tipógrafo num prédio ao lado da casa de sua patroa.

Logo foi morar numa casa humilde em Jardim São Paulo, meu avô aparecia de tempos em tempos, enquanto ela com quase 13 filhos se virava para sustentar a todos. Trabalhava como lavadeira, costureira, quitandeira, cozinheira, de tudo um pouco ela fazia dentro e fora de casa. Assim como sua mãe, era benzedeira e conhecia os matos de cura e rezas para o corpo e a alma.

Certo dia resolveu seguir o marido em uma de suas viagens, escondida, mesmo sem saber ler conseguiu chegar ao local e descobriu que esse já era casado com uma mulher branca e de uma boa condição financeira, voltou para casa sem ser vista e no retorno do marido decidiu deixá-lo. Depois disso meu avô teve um infarto e implorando pediu para que reconsiderasse, pois

sua outra esposa era muito doente e não podia ter filhos, enquanto com ela já tinha vários.

Depois de algum tempo meu avô morreu desse mesmo mal e as duas mulheres se aproximaram, como a outra era muito sozinha, se tornaram grandes amigas e seguiram compartilhando o cuidado das crianças, que passaram a ter uma tia tão próxima como a própria mãe. Antes disso, Dona Maria teve um filho por ano, quase 15 entre abortos e nascimentos, dos vivos ficaram 6 homens e 5 mulheres, os mais velhos ajudavam a cuidar dos mais novos, e ela com o barrigão de mais uma criança colocava o balaio de verdura na cabeça e saía pra vender na feira.

As meninas mais velhas, Alice e Beatriz (minha mãe), saíam de manhãzinha pro açude para lavar a roupa da casa, ensaboavam, esfregavam, esparramavam na grama para coará no sol, enxaguavam e estendiam mais uma vez na grama pra secar. Caso a aboiada passasse, tinham que correr pra apanhar toda roupa a tempo, minha mãe morria de medo dos chifrudos, as duas tinham entre 10 e 11 anos na época.

Depois da roupa seca já vinham tomadas banho. Chegando em casa, o almoço preparado pela mãe era devorado e corriam pra escola que ficava a canelas e canelas de distância. Todos os dias tinham que passar por uma ladeira de pedra à dois pés da pista onde os caminhões e carros se espremiavam, além disso, tinham que passar ainda pela linha do trem em que muitos já haviam morrido.

Apesar da dureza da vida, diziam com orgulho que nenhum filho e nenhuma filha de dona Maria “deu pra o que não presta”. Na época do surto da coqueluche minha avó acordava todos os filhos ainda na madrugada, saía pelo descampado com a

filhinha de crianças e, na fazenda ao lado, os obrigava a tomar banho de cacimba e tomar leite quente saído da vaca naquele mesmo instante. E assim todos se curaram. Muitos tiveram cansaço e fraqueza nos momentos de mais aperto, mas com cuidado, fé e uma coragem sem tamanho ela conseguiu manter a família.

Anos mais tarde todos os netos, quase 20, se reuniam na casa dela. Todas as manhãs ela acordava a gente com furadas de agulha e gelo no pescoço, dava uma gargalhada aberta pelo susto que nos causara e depois um copo de vitamina que ninguém sabia o que tinha dentro, mas que todo mundo tinha que tomar.

Se passássemos muito tempo no banheiro, ela entrava caladinha, adivinhando uma prisão de vinte, e deixava um raminho de arruda na cabeça do enfezado, e olha que ajudava! Dizia sempre que mulher não podia colocar os pés descalços no chão ao acordar, pois a frieza ia direto pro útero. Aprendeu a ler sozinha, aos 50 anos, com uma bíblia antiga que carregava consigo. Dentro do sutiã guardava ervas para todo tipo de doença que colhia nas caminhadas que fazia até a igreja.

Antes de dormir, em sua casa, todos tinham que dizer um versículo da bíblia ou cantar um corinho do hinário. Muitas vezes dormi com ela, sentindo o cheirinho das plantas e da pomada doutorzinho que passava em suas pernas. Ela tinha o cheiro da terra e das cascas de planta-proteção, de planta-vida e de planta-re-existência, muitas vezes também era planta-dor, mas sempre planta-raiz, minha e de todas que vieram depois. Pra mim era uma deusa do mato não importa o que dissessem, era curandeira.

Beatriz, a segunda mais velha entre as mulheres filhas de Maria, é minha mãe, estudou até a oitava série com muito

sacrifício, sempre inventando brincadeiras novas, gostava das artes, era uma menina de criatividade gigante, mas cedo, aos 14 anos teve que trabalhar como empregada doméstica na casa da filha da antiga patroa de sua mãe. Na biblioteca do casarão vivia encantada, adorava romances policiais e fantasias. Até hoje é contadora de histórias como sua avó, me trouxe aos ouvidos e no arrepio da pele a força, a potência dessas mulheres. As carrego todas comigo, as honro e agradeço pelos ensinamentos que tão forte me chegaram aqui nesse tempo, através dessas memórias compartilhadas.

Somos curandeiras de ontem e de hoje, histórias marcadas na cor da pele, no formato do nariz e boca, nos cabelos crespos, na beleza do nosso tambor, na chama acesa que ainda queima em nosso ventre mulher, nas raízes profundas construídas com o sangue e a sabedoria das mulheres que vieram antes e que revivem nessa história contada, hoje por mim, é a tarefa que me cabe nessa espiral de histórias que se cruzam nos traços da minha face e na ponta da minha língua, remexe meu útero e transborda nesse espaço-papel as vozes dessas mulheres.

RITA QUEIROZ

*“Todos os dias ela vinha
pelas estradas com seu
cajado, descalça, arrastando
a saia, com seu sorriso largo
e cheia de esperança”.*

RITA QUEIROZ



Natural de Salvador-BA. Professora universitária. Escritora. Poeta. Autora de 5 livros de poemas para o público adulto e 5 livros para o público infantojuvenil. Organizadora de 9 coletâneas. Participações em mais de 100 antologias/coletâneas. Publicações em revistas literárias nacionais e internacionais. Integra os seguintes coletivos: “Confraria Poética Feminina”, “Mulherio das Letras”, “Confraria Ciranda Poetrix” e “Coletivo de autoras de literatura infantojuvenil da Bahia”; além de fazer parte das seguintes academias: Academia Virtual de Arte Literária (AVAL), Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB), Academia Internacional Mulheres das Letras (AIML), Academia de Artes e Letras Internacional da Baixada Fluminense e Brasil (AALIBB) e Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil (ACILBRAS).

Dinha Maria

Todos os dias ela vinha pelas estradas com seu cajado, descalça, arrastando a saia, com seu sorriso largo e cheia de esperança. A chamavam de Dinha Maria, inclusive eu, que não vim à luz sob as suas mãos.

Era uma parteira de mão cheia. Por aquelas redondezas, havia trazido à luz muitas crianças, brancas, negras, mestiças. Indistintamente, ajudava a todas as mães, fossem estas de primeira viagem ou não. Quando uma mulher estava para parir, mandava logo chamar a Dinha Maria.

Ela também rezava e benzia a todas e a todos. Sempre que ia para a casa de meus avós, pedia a Dinha Maria para me rezar de olhado (tirar os quebrantos, limpar o corpo e a alma dos olhos invejosos). Ela pegava as folhas e começava a reza: "Tens quebranto e mau-olhado. Com dois te puseram, com três te tiro; Eu, com os poderes de Deus e da Virgem Maria". Ela abria a boca várias vezes e dizia que eu estava carregada. As folhas ficavam murchas do peso que saía de mim.

Dinha Maria sabia quais ervas usar para cada caso: quebranto, espinhela caída, dor de cabeça, inchaço, problemas de pele. Tudo ela resolvia com a força da fé e das plantas. Claro que a água estava presente, pois ela também faz parte da cura.

Depois de rezada, beijava Dinha Maria e corria feliz pelo terreiro. Estava leve e solta.

Como sinto falta de suas mãos, das folhas me benzendo, do seu sorriso (faltavam dentes, mas isso não importava), da sua alegria de viver. Há muitos anos ela foi ser estrela no céu e fico imaginando o que viveu por aqui. Mulher negra, cheia de

sabedoria, de conhecimentos sobre a natureza, com uma lista interminável de crianças que ajudou a nascer.

Ah, Dinha Maria, como lembro de você e das ervas que carregava sempre na saia ou na orelha. Das suas mãos bentas tirando meus quebrantos. Do seu encanto e pureza. Da sua cor de luz irradiando vida!

SIMONE MELLO

***“O menino não
esperou, queria logo
nascido tinha pressa de
vir ao mundo”***

SIMONE MELLO



Simone Mello, poeta, formada em Sociologia, profissão protética, mãe de dois filhos. Atualmente moro em Porto Alegre. Integrante do Sarau Sopapo Poético. Integrante do Grupo Face de Ébano. Participei do Lendo Mulheres Negras, com o poema Mulher. Coletânea Escrituras Negras II, As marcas, com poemas:

Carolina Maria de Jesus, e com o poema O Livro. E do Ebook Sinergia, poemas: Os meninos com os pés descalços, e o poema, Lágrimas.

Saber ancestral

O menino não esperou, queria logo nascer tinha pressa de vir ao mundo. A bolsa já havia estourado, Rosa sentia fortes contrações seguidas de dores que invadiam suas entranhas.

Não havia tempo para chamar o médico que morava numa cidade distante. Foi então que Adelaide, mãe de Rosa, lembrou que bem próximo no vilarejo havia uma parteira e benzedeira. Correu até a casa de Conceição.

Era madrugada, a lua estava completamente cheia. A mulher ao ouvir o chamado deu um pulo da cama, selecionou algumas ervas para levar até a mulher que estava prestes a dar a luz. Camomila, Calêndula, Hamamélis, Lavanda, Folhas de Barbatimão e Alecrim. Colocou tudo dentro de uma bolsa de pano, chamou sua filha para lhe auxiliar e seguiram.

Conceição já se acostumara com o ofício, e estava passando seu saber ancestral para sua filha. A água já estava esquentando na chaleira, foram preparados panos brancos e as ervas.

Rosa estava sobre a cama já sem forças, o suor escorria por todo seu corpo, molhando ligeiramente os lençóis. A cada contração um grito de dor e felicidade. Felicidade de estar trazendo ao mundo um novo ser.

Conceição usou seus conhecimentos, já havia realizado muitos partos, pediu que sua filha segurasse forte a mão da mulher. Uma nova contração, Rosa buscou todas as forças do seu ventre. O dia já estava raiando, logo um choro engasgado que a cada segundos, minutos foi se fortalecendo. O cordão umbilical foi cortado e o milagre da vida aconteceu.

Cultivando as ervas

O dia nem bem raiou, as estrelas ainda estavam brilhando no céu. No casebre a fumaça do fogão a lenha escapava pela chaminé, que logo era empurrada pelo vento frio que soprava, fazendo com que a fumaça se misturasse com as nuvens, desenhando algumas imagens que se dissipavam no ar.

Vó Chica como era conhecida na cidade, era neta de escravos e benzedeira, morava no casebre no interior da região sul do país.

Antes mesmo do galo cantar, ela já estava de pé, abria a janela para sentir a brisa, o orvalho e o cheiro da mata virgem. Ainda era muito jovem quando aprendeu com seus pais o cultivo das ervas e como utilizá-las para tratar os males do corpo e da alma.

Sobre a chapa do fogão a lenha, era aquecida uma grande panela com água onde eram misturadas as ervas, para fazer os banhos: Espada de São Jorge, Camomila, Manjericão, Aroeira, folhas de Eucalipto extraídos da mata, Alecrim e Alfazema. Também tinha os chás que eram indicados para vários tipos de infecções de pele. A benzedura era mais procurada no dia a dia acompanhados de galho de Arruda, Guiné, água, reza, fé e devoção.

Além do dom, vú Chica tinha um olhar que expressava ternura e acolhimento, já com seus noventa anos de idade, cabelos brancos como algodão e seis filhos criados. Os filhos seguiram seus passos, os homens trabalhavam no trato com a terra no cultivo e produção das ervas, as mulheres se dedicavam na linha de divulgação, vendas no mercado e nas feiras da cidade.

À tardinha após o trabalho, vó Chica reunia seus filhos, sentavam-se em volta do fogão a lenha, ela colocava seu manto de tricô sobre as costas e sentada em seu banco de madeira contava histórias para os filhos e netos.

Vó Chica já mais esqueceu o quanto a vida foi dura. Criou seus filhos sozinha, trabalhou na terra que conquistou de sol a pino, de chuva a geada.

Com candura falava dos seus ancestrais do legado que haviam deixado e com sorriso no rosto ela agradecia as bênçãos recebidas de Deus e de seus guias espirituais.

THAÍS COSTA DE FREITAS

*“O Sol não apareceu nesse dia,
os pássaros não cantavam, as
folhas não balançavam. Um
sentimento de medo, cansaço e
desespero tomava conta do
dia”.*



THAÍS COSTA DE FREITAS



Mulher, preta, feminista, brasileira, nordestina, baiana, conjacuipense, filha única, educadora, poetiza em formação, leitora. Sou formada em Licenciatura em Pedagogia e Especialista em Educação e Interdisciplinaridade pela UFRB e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGED/UESB. Busco a cada dia trilhar os caminhos da discussão da Educação de Jovens e Adultos. E acredito que formamos e somos formados no ato de educar

Um episódio que marca

Era uma sexta-feira à tarde, o dia estava nublado e trazia uma sensação de tristeza, de desamparo, uma sensação de vazio. O Sol não apareceu nesse dia, os pássaros não cantavam, as folhas não balançavam. Um sentimento de medo, cansaço e desespero tomava conta do dia.

Helena olhava pela janela e pensava sobre o motivo daquela sensação tão devastadora. Olhava pela janela do seu quarto, a qual a vista dava para rua, e suspirava alto com aquele sentimento que ia tomando conta do seu corpo, que fazia com que seu peito apertasse, seu coração acelerasse, um suor frio começava a se instalar em seu corpo e ia descendo do seu pescoço em direção aos braços e em seguida em direção a sua mão.

Uma melancolia ia tomando conta do seu corpo, ia mexendo com o seu emocional, seu psicológico estava abalado e não sabia o porquê disso. Resolveu tomar um banho para tentar amenizar aquelas emoções. Helena fechou a janela do seu quarto e foi buscar a toalha. Foi caminhando devagarzinho pela casa, passou pela cozinha e foi até a garagem, para pegar a toalha que estava estendida no varal.

Ao chegar à garagem, Helena lembrou que precisa colocar seu edredom para secar. Colocou a toalha nos ombros e pegou o edredom amarelo que estava de molho numa bacia com amaciante e o jogou no varal. Foi tentando dar uma espremida pelas bordas e sentindo aquele cheiro gostoso do amaciante que exalava pelo ar. Um cheiro bom que dava e trazia uma tranquilidade.

Aproveitou essa breve respiração e colocou os quatro pregadores no edredom. Respirou fundo e buscou focar naquela tranquilidade. Caminhou em direção à casa. Fechou a porta da cozinha que dava na garagem e foi tomar banho.

Entrou no banheiro. Tirou as roupas e as colocou num suporte que ficava preso na porta do banheiro e entendeu que precisa urgentemente daquele banho e lavar seu cabelo, como uma forma de tentar amenizar as angústias que estavam perpetuando seu corpo e mente. Colocou o chuveiro na temperatura mais quente e tentou acalmar aquela chuva de sensações que lhe introjetavam a alma e buscou regular as batidas frenéticas do seu coração durante os cinco minutos que ficou naquele local.

Ao findar o banho estava saindo do box quando teve um sentimento ruim, um vento gélido passou pelas suas costas. Sentiu um sussurro na sua orelha direita e era como se escutasse que algo ruim ia lhe acontecer. Essa frase parecia que era sussurrada várias vezes. Colocou a mão no coração e tentou respirar fundo. Suas pernas fraquejaram e sua visão embaçou. Parou, fechou os olhos e buscou regular sua respiração. Mas, algo lhe dizia que alguma coisa aconteceria naquele dia. Lembrou da sua avó que sempre lhe dizia: “acredite no seu instinto, acredite na sua ancestralidade, escute os avisos, anjos e seres que cuidam de nós, sempre buscam nos avisar e nós não escutamos ou acreditamos.”

Saiu do banheiro e encontrou sua colega, com quem dividia a casa, e a mesma lhe disse que sairia com outros amigos e iria para o bar dos estudantes no Bosque. Perguntou se ela voltaria para casa naquele dia e ela respondeu a que sim. Desejou

que se divertisse e foi vestir uma roupa, pois seu namorado chegaria em meia hora.

Depois de vestir as roupas, colocou a toalha na corda e sentou no sofá para aguardar a chegada de João. Ficou entretida no celular mexendo nas suas redes sociais e olhando coisas que lhe fizessem desfocar daquele misto de sentimentos que lhe afligia. Nessa empreitada nem se deu conta das horas passando e as 20h seu namorado chegou gritando seu nome. Tomou um pequeno susto e respondeu que já estava indo. Levantou do sofá e foi abrir o portão. Recebeu um beijo de boa noite. E entraram na casa e foram em direção ao sofá, no qual passaram horas conversando e namorando.

As 22h, João disse que ia embora. Nesse instante um pânico se fez presente e começou a chorar e repetir:

- Não vá embora, por favor, algo vai acontecer comigo hoje. Tremia, segurava os braços de João com força. Tinha hora que faltava ar do tanto que chorava e estava desesperada.

Helena não conseguia falar com clareza, só sabia chorar e repetir: Não me deixa sozinha. Seu namorado não sabia o que fazer, pois seu desespero era quase palpável. Tentava acalmá-la e entender o que estava acontecendo. Percebeu que não teria como deixá-la sozinha. Carregou-a para o quarto e foi buscar um copo de água. Helena levantou num rompante e foi em direção à porta da cozinha e respirou fundo quando viu que estava trancada. João não entendia o porquê daquele pranto e desespero. Mas, resolveu ficar, pois não conseguiria deixar Helena daquele jeito.

João avisou aos seus pais que ficaria na casa da namorada, pois ela não estava bem. Abraçou Helena e a levou para o quarto para que pudesse cuidar dela melhor e descansarem. Acabaram

pegando no sono. As quatro horas da manhã Helena acordou com um barulho alto, respirou e tentou regular sua respiração, mas ela ouvia passos e sussurros e nesse momento percebeu que alguém tinha pulado o muro da sua casa.

Começou a balançar João para que ele despertasse, estava se sentindo sufocada, sua cabeça latejava e seu corpo tremia bastante. Continuava balançando o namorado e nada dele despertar. João deu sinal de que estava acordando. Helena começou a tentar explicar o que estava acontecendo, mas parecia que tinha perdido a capacidade de falar. Pensava as palavras e não conseguia colocá-las para fora.

João lhe dizia: - Respira e fala!

E com a voz mais baixa possível, ela disse:

- Pularam o muro daqui de casa.

João a olhou como se tivesse crescido duas cabeças e disse:

- É impressão sua, meu amor. Vamos voltar a dormir.

Deite aqui no meu peito.

Quando Helena já ia discutir e dizer que era verdade. Perceberam que estavam forçando a janela do seu quarto. Nesse instante ela começou a hiperventilar. Não conseguia respirar direito, seu corpo não respondia aos seus comandos. Parecia que estava tudo fora de foco, de forma. Até que a vida foi voltando ao foco com João na sua frente ajudando a sair daquele ataque de pânico.

Com sua atenção novamente em João e este ao perceber isso, disse: - Meu amor, presta atenção em mim, realmente pularam a casa. Fica perto de mim e vamos observar do vidro da cozinha, pois podemos ver quem está lá fora, mas não será possível nos enxergar aqui dentro.

Foram caminhando devagarzinho para cozinha, João ia à frente e Helena segurava na sua camisa e ia atrás. Quando olharam pelo vidro da cozinha, viram que tinham dois homens sentados no canto esquerdo da garagem e que eles tinham pego o edredom e colocado no chão. Um deles olhava para o relógio e dizia: - Faltam dez minutos para que a colega dela chegue.

Foi quando algo clicou na cabeça de Helena. E aquilo foi como se estivesse sugando suas energias, seus piores medos se faziam presentes. Sua amiga sempre saía as sextas, sábados e domingos com os amigos da universidade e voltava exatamente as 4h30min da manhã, aquilo tinha virado uma rotina. Ela saía o final de semana e Helena ficava em casa sozinha.

O casal retornou para o quarto e João segurou forte nas mãos de Helena e via como as lágrimas desciam em cascatas pelo rosto. João beijou sua testa e disse que enquanto ele ligava para a polícia era para ela ligar para os vizinhos e pedir que também ligassem para o 190 como uma forma de acelerar a vinda deles.

Assim fizeram. Helena ligou para o proprietário da casa que era seu vizinho, mas, quem atendeu foi a esposa dele, a qual entendeu que Helena estava passando mal e avisou que já estava indo ali. Demorou alguns segundos e a vizinha estava gritando seu nome no portão.

Com medo de que algo acontecesse com a mulher, Helena gritou: - Corre, sai daí. Tem dois homens na garagem. A polícia já está vindo. Depois, tudo foi um borrão na sua mente. A vizinha saiu correndo, segundo depois, os homens pularam o muro. E em seguida, os vizinhos saíram com facões, pedaços de pau na mão. Mas, nada encontraram, pois os rapazes já estavam longe dali.

João foi até o portão conversar com os vizinhos e Helena sentou no chão e começou a chorar muito. Estava com tanto medo e ao mesmo tempo agradecida por não estar sozinha naquele momento. Pois, mais cedo tinha recebido uma mensagem da sua amiga de que não voltaria para casa naquele dia.

As seis horas da manhã a polícia chegou à sua porta e perguntou o que tinha acontecido. Os vizinhos e João responderam às perguntas e os policiais disseram: - Eles não pularam para lhe roubar, mas pularam com a intenção de dominar sua amiga quando ela chegasse e assim entrar em casa e estuprar as duas. Tome cuidado, pois tem gente observando sua rotina.

Esse episódio marca a vida de Helena até hoje, pois tem crises de ansiedade constantes, medo de ficar sozinha, confere as portas e janelas da casa pelo menos umas três vezes antes de dormir. E também mudou de cidade, pois não se sentia mais segura naquela vizinhança e naquele lugar. Mas, acima de tudo é agradecida a sua avó pelos conselhos e por (ter) feito ela acreditar nos pressentimentos, e na sua intuição.

ENTRE POEMAS E CANTOS-POEMA



ALESSANDRA MARTINS

*“Ela se banha nos rios,
sob o céu azul.
Ela é intensa, vibrante,
Filha de Oxolum”*



ALESSANDRA MARTINS



Natural de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. É educadora, poeta e ativista social. É Graduada em Letras e Pós-graduada em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Têm poemas publicados em diversas antologias e revistas literárias. É autora do livro “Voa, Sankofa, voa!”, onde usa a

Literatura Marginal para denunciar o racismo estrutural, que continua estigmatizar, condenar e exterminar jovens negros na sociedade brasileira. No entanto, juntamente apresenta a exaltação da beleza negra, do orgulho e o regaste da ancestralidade.

Jurema Preta

Na noite a chuva regou as folhas
do umbaubá que belamente cresceu.
E quando amanheceu
alfazema, manjerição, tomilho, funcho
e alegrim no jardim floresceu.

Verde, vida, amor.
As borboletas passeiam.
O vento suspira.
A abelha namora a flor.

Ela se banha nos rios, sob o céu azul.
Ela é intensa, vibrante,
Filha de Oxolúm¹²!
Ama a cor amarela.
É romântica, chorona, cheirosa.
Sua estação é a primavera.

Ar fresco, sombra, flores,
ela sente que renova,
ela sente que é ela.
Radiante!
Jurema Preta é o nome dela.

Ao falar, ao olhar e ao sorrir,
onde ela chega traz cores,
beleza, faz o dia florir.

¹² Oxolúm - é um orixá que reina sobre a água doce dos rios, o amor, a intimidade, a beleza, a riqueza e a diplomacia.

Seu aroma é forte, cítrico,
ela exala capim limão.
Ao caminhar todos a olham,
presença marcante,
tem o mundo nas mãos.

Ela brilha concomitante com o sol no horizonte.
O som do atabaque se encontra
com o seu coração festeiro, de poesia pulsante.
Ijexá¹³ é concedida.

Tudo ecoa. São sons de vida.

Ela desperta do sono
Em seu sonho se vê sambando.
Entre flores de girassol.
Toma banho de arruda,
E todos os cheiros vão se misturando,
espalhando, a terra contagiando.
Flores, folhas, energia.
O chocalho agita no morro.

Sobe a ladeira, chegando pede
agô¹⁴ e fala adupê¹⁵!
Ela reverbera sua luz.
Os irmãos respondem axé¹⁶!

¹³ ritmo musical presente nos Afoxés. Ritmo suave mas de batida e cadência marcadas de grande beleza, no som e na dança.

¹⁴ pedido de licença em Yorubá

¹⁵ agradecimento, obrigado

¹⁶ força

ALEX PEREIRA DE ARAÚJO

*“Makota Valdina
Mulher de terreiro
Cuja ancestralidade nos
ensina:
“sem folha não tem
sonho”*



ALEX PEREIRA ARAÚJO



Educador, ensaísta, poeta marginal e escritor negro, é doutor em Memória Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia com estágio no Departamento de Audiovisual da Sorbonne Nouvelle – Paris 3, e mestre em Letras Linguagens e Representações pela UESC. Nasceu

em 4 de agosto de 1974, na mesma cidade em que nasceu o escritor e imortal Jorge Amado, no Sul da Bahia. Também é cabeça de Oxóssi como seu célebre conterrâneo.

Makota Valdina e as folhas dos inquices

Mulher do santo
Cujas escolhas
A levaram a conhecer
A força das folhas
e o poder de Kalunga¹⁷
Makota Valdina
Cuja dijina¹⁸
Não é segredo
Mas é sagrado

Makota Valdina
Mulher de terreiro
Cuja ancestralidade nos ensina:
“sem folha não tem sonho”

Makota Valdina
Desde menina aprendeu com o caboclo
Unzo Onimboya¹⁹
A olhar as folhas
Pra curar
E a feitiço
Quebrar

¹⁷ Na tradição bantu, Kalunga é a fonte do poder universal que faz todas as coisas acontecerem.

¹⁸ Vocabulo de origem kimbundu Rijina, dialeto bantu, que significa "nome".

¹⁹ Entidade cultuada no terreiro que leva seu nome onde Makota Valdina Pinto atuava.

Quebra-feitiço

Erva do mato
De teu saber
Suas folhas
Quebram o feitiço

Erva do mato
De teu saber
Suas folhas
Maceradas pelas mãos
Fazem o banho
Fortalecer

Erva do mato
De teu saber
Suas folhas
Em suas mãos
Fazem a reza
Proteger

Erva do mato
De teu saber
Suas folhas
São a expressão
Da tradição
Que resistiu
A chibata e ao pelourinho

Erva do mato

De teu saber
Suas folhas
Têm a energia do Sol
E a força da Terra

Erva do mato
De teu saber
Suas folhas
Exalam o cheiro
Do teu poder

Quebra-feitiço!

ANA PAULA MELO DA SILVA

*“Em terreiros, quintais e
canteiros germinam brotos
plantados e colhidos por
encantadas mãos negras”.*



ANA PAULA MELO DA SILVA



Natural de São José dos Campos/SP e filha de benzedeira, cresceu em meio a ervas e encantamentos. É bailarina de dança afro-contemporânea, atriz, bordadeira e baixista. Geógrafa, educadora e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò - Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e

Descoloniais e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás.

Eu que te benzo, Deus que te cure

O arrebentar das ondas no casco dos navios ditou novas cadências.

Apesar de todos os pesares da travessia, não viemos sozinhos,
Portamos conosco nossos mistérios,

Memórias, cantares, línguas, movimentos e encantamentos.

Neste novo solo, agora árido e desumano, foi-se brotando outros modos de vida

Arar a terra, brotar a existência.

Na ginga do presente retomar práticas do passado que forjam,
esculpem e materializam futuros.

Em terreiros, quintais e canteiros germinam brotos plantados e colhidos por encantadas mãos negras.

A constelação ancestral do conhecimento possibilita o rebento do alimento, do encantamento e cura.

Mulheres de mistérios, que como flechas afiadas atravessam o tempo compondo balizas geográficas e cronológicas

Que nos entremeios e alinhavos de suas existências arejam e nutrem a existência coletiva.

O cheiro da arruda passada lentamente pelo rosto,

A hortelã macerada e imersa em água pelando

A babosa pontiaguda que dentro traz um caudaloso rio.

Manjeriço, camomila, quebra-pedra e espada-de-são-jorge,
juntas, entoam um encorpado “comigo-ninguém-pode”.

Chás, banhos, escalda-pés, lambedores, xaropes, defumadores e garrafadas.

Ervas e encantos para cicatrizar, aliviar, acalmar.
Quebranto, espinhela caída, enguiço, brotoeja e terçol
Mau-olhado, cobreiro, ventre virado, angústias e reminiscências.
A reza ligeira e sussurrada dita o ritmo em que se distancia a
mazela e no mesmo pulsar aproxima o alívio.

Que na encruzilhada destes tempos e memórias negras essas e
tantas outras expressões do refazer-se cotidiano se manifestem.
Eu que te benzo, Deus que te cure.



ANA SOARES

*“Me reza com arruda
Guiné e a espada
Que Ogum guerreie
As lutas que luto”*



ANA SOARES

Meu nome é Ana Soares, sou filha, mãe, escritora, poetisa e feliz. Já plantei algumas sementes e acredito que já são árvores... rsrs... escrever, para mim, é como brincar com as palavras... Eu gosto de desenhar, mas foi a escrita que tomou meu pensar. O trabalho é motriz guiando meus passos. Dos:

Acontecimentos... Paixões... Amores... Ainda que não tantos... É o que move o meu escrever. E entre lágrimas e suspiros, sempre sai um rabisco na linha reta do caderno, no guardanapo, no papel de pão, onde puder escrever meu pensamento. E hoje com a tecnologia, digitando... Tenho tanto pra contar, essa vida, não é suficiente, ainda mais, que não me lembro de tudo. Um abraço de A a Z.

Me reza um canto

Chama teu deus
Divindade
Ogum
Ogunhê
Do mato
Que benze
Da mata
Na mão oferece
Amparo ao descanso
Toma minha destra
Me unge o pensar
E olha pro alto
Buscando o brilho da luz solar
Que brincando
Aquece o olhar
É folha de reza
É filha que canta
O dom ancestral
O saber divinal
Ahh rezadeira
Me reza um canto
E leva pra outro canto
A dor que me carrega
E consome deveras
Esse coração combalido
Nessa atroz ressonância
Do choro sentido

Me reza com arruda
Guiné e a espada
Que Ogum guerreie
As lutas que luto
Me faça forte
Ser eu
Um
Escudo

ANGÉLICA APARECIDA DE SOUZA

*“[...] fé um movimento de
resistência”*



ANGÉLICA APARECIDA DE SOUZA



Mulher Baiana, Candomblecista -
Yawô/Dofona ty Ogún - Ilê Axé
Ijifaromim. Mestranda no
Programa Multidisciplinar de
Pós- Graduação em Estudos
Étnicos e Africanos - Pós
Afro/UFBA - Bolsista FAPESB;
Especialista em Ensino de
Sociologia - CAPES/UFRB;
Bacharela em Ciências Sociais -

CAHL/UFRB; Pesquisadora do Coletivo Ativista Angela Davis -
Grupo de Pesquisa em Gênero, Raça e Subalternidades/UFRB;
Pesquisadora/Divulgação Científica Ambiafro - Equidade,
Diversidade e Sustentabilidade.

Eu

mulher negra e candomblecista
histórias de resistência de meu avô materno
ancestralidade
que eu cresci e me construí como uma pessoa
fé
um movimento de resistência
sagrado
natureza
nós
Filhas/os de Santo – Povo de Candomblé
racismo religioso
ameaça
nosso culto aos Orixás
força superior vital que nos revigora e fortalece
natureza é um ciclo de força
dias melhores
nossa melhora
seres humanos
as realidades do Povo de Santo
movimentos de lutas e resistências por séculos.
a nossa história
e perpetuação do sagrado por meio da natureza
reafirmar nossos espaços
necessidade presente de preservação da natureza
alento da vida
Meu Pai Omolu

força do Ferro Baba Mi²⁰ Ogun
Orixá dono das Caças – Odé
pela água que cura e renova Orixá Osun
sempre o recomeço

²⁰ Meu Pai

CARMEN SANTANA

*“Mãe rezadeira, mãe
benzedeira, com ramo de
flor emana `a ti puro
amor”*



CARMEN SANTANA



Carmen Santana é uma geminiana de 51 anos, natural de Ilhéus-BA; licenciada em Letras inglês/português pela Universidade Estadual da Bahia (UESC); especialista em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela Universidade de São Paulo (USP).

Residente em Santos-SP há duas décadas, onde realiza outra grande e importante paixão - artesã de pães com sua Alquimia dos Grãos. Categórica, define-se "Instrumento `a escrita", creditando a autoria `as Vozes Ancestrais que lhe sopram inspiração genuína, leve e encantada.

Reza um rio em folhas de benções

Mata fechada, arco certo
Confia, fio, confia, fia
Clarão que te alumie pra que a folha te leia

Pensa em tua erva, aquieta um tantinho Mãezinha te assopra pra atinar a cabeça

Soma um ramo de alecrim, arruda, patchouli ou guiné
Deixa fluir!
Psiu, fica quietinho - é a folha que vai te escolher

Da terra, brote água em medida e nutrição para beber da mais doce seiva
Do ar, um bom sereno pra sacudir e levar embora tudo o que pesar em dor, torpor ou tristeza

Sol, astro vital, seja o teu manto pra te proteger de quebranto e te livrar se cair em banzo

Mãe rezadeira, mãe benzedeira, com ramo de flor emana `a ti puro amor

Saúde, já tens! Sorri, meu fio, sorri, minha fia
Pisa na poça, canta os amores e dança tuas alegrias
Segue, menino, segue, menina
em paz e harmonia, brilha qual fonte - da fonte que abunda de Teu Pai Criador!

Banho, reza e fé

Chova uma chuva de folhas, escolhidas e sagradas
Banhe teu corpo e te limpe pra rumar em toda estrada

Canta um canto bem quietinho, reza ao Pai e `a Mãezinha pra que
nada em ti abata

Se demanda te chegar, fica quieto, resguardado
Teu silêncio e tua fé vão chegar aos anjos que te guardam

Oh, meu fio, segue reto - não desvia!
Cega os olhos, a mentira
Da soberba e a vaidade: esse fardo, não carregues!

Alecrim, arruda e guiné - bate folha!
Quebra-demanda, abre-caminho, muda o nome: mesma folha
Aroeira ou sal grosso - tome banho, se pesar o que te rondes!

"REZA FORTE", limpa as retinas
Os ouvidos, vê se apura pra não ficar zumbizado

Se a leveza já é contigo, alfazema, patchouli, rosa branca ou
capim santo.

Mirra, pitanga, laranjeira, pode até com o lírio do brejo - faz teu
banho, "te" perfumes!

Aos atentos que se achem, fiquem espertos e cuidados - não
vacilem! Olho aberto, faro ligeiro: são ardis as manobras da
maldade.

CLAUDIA D'ARC

*“Sinto não ter me empoderado
das palavras da adulta mais
importante do meu mundo de
criança”*



CLAUDIA D'ARC



Claudia é mulher preta, mãe do Lucas, filha de Joana D'Arc e neta de D. Ana (griô / rezadeira). Nascida em 1980, carioca da gema e tricolor de coração. Professora da educação básica, dançarina e escritora. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Especialista em

Neuroeducação pela Faculdade São Judas Tadeu (SJT), Especialização em Planejamento, Implementação e Gestão em EaD pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Especialização em Ciências da Educação pela Universidad Iberoamericana em Assunção (Paraguai), Especialista em Docência do Ensino Superior e em Psicomotricidade, ambas pela Universidade Cândido Mendes e graduação em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá. Participou das antologias Poetize 2021 pela Vivara Editora (2021) e Mulheres da Águas pela revista África e Africanidades (2021). Possui artigos científicos publicados na área da Educação.

Griô esquecida

Por que não anotei tudo que me dizia?
Todos chás e ervas para curas mal feridas
Todas as lendas e histórias assustadoras e engraçadas
Todas as rezas para quebranto e mau olhado
Toda a nossa árvore genealógica e o papel de nossos ancestrais
Por que não me disseram que tudo aquilo era importante?
Por que reviravam os olhos quando você ensinava tratando
aquilo como menos relevante?
Pela minha cabeça de criança não passava que nossa fome te
preocupava
Você se enganava bebendo, e nos enganava brincando
Aprendi a passar o anel e ser a cabra cega num mundo onde
adultos não brincam com crianças
Aprendi a ser uma mulher forte, não me entregar às doenças,
"pois ficar deitada é pior"
Aprendi a não tomar banho com a barriga cheia e não abrir a
geladeira com o corpo quente
Aprendi a desvirar o chinelo e não passar por baixo da mesa
Não iniciar e terminar as refeições em lugares diferentes, a fim de
preservar meu anjo de guarda
Aprendi a rezar, a ter fé
A desapegar mesmo quando não queria
Aprendi que o nome de Deus não é angu e a evitar algumas
palavras dentro de casa, pois elas tem poder
Sim, elas tem poder
E não vi o poder em suas palavras
Sinto não ter me empoderado das palavras da adulta mais

importante do meu mundo de criança
A griô mais encantadora que conheci
Que me ensinou feminismo antes mesmo do termo existir
A quem hoje dedico esse pequeno texto
Obrigada por abrilhantar minha vida e por me ensinar a ser quem
sou.

GILDA PORTELLA

*“Sua mão de luz decodifica
a seiva da vida
Tecendo receitas
artesanais
Restaura o saber ancestral
Planta sementes de
esperança [...]”*



GILDA PORTELLA



Gilda Portella, pós-graduada em história e multiartista. Em 2021 foi selecionada I Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura. Como poetisa publica suas obras nas antologias: “Mulherismo das Letras na Lua”, “Devires Poéticos” e “Do que ainda nos sobra da guerra”; e participou das seletivas nas revistas: “Ruído Manifesto”, “Torquato”, “Temporã”, “Mirada Janela”, “Alcatéia”, “Ser MulherArte”, “Conexão Literatura”, “Ligeiro Guarani” “Cultura D-Arte”, “Selo Itan”, e no Suplemento Acre.

Tia Bastiana Velha

Os olhos luminosos de Sebastiana
Reconhecem ervas e raízes
Seus ouvidos colhem
Sussurros da natureza
Os outros eus encantam
Com magia das folhas
O poder das ervas
Fazer o sagrado saber
Cura corpo e dores d'alma
Sentidos desvelam cosmogêneses
Dos seres e lugares sagrados
Fases da lua e estações do ano
Sua mão de luz decodifica a seiva da vida
Tecendo receitas artesanais
Restaura o saber ancestral
Planta sementes de esperança
Rega e fortalece laços amorosos
Colhe e prepara garrafadas
Florescimento de vozes
Consagra chás e unguentos
Potencializados no sagrado feminino
Banhos são geracionais e creacionistas
Tia “Bastiana Velha” religa arte e ciência
Comunga razão, fé e emoção,
Nutrindo corpo e mente
Voz inventiva da terra nua
Sinalizando bençãos.

Vó Maria

Maria fonte de amor
Mãe de todos nós.
Traz em si todas as Marias,
Antônias, Joãos e Josés
Na alma a marca indelével
Da fé nos orixás,
Na vida e na humanidade.
Possui o dom divino da simplicidade,
Transborda alegria
Faz tudo ficar leve e suave.
Símbolo da entrega,
Do servir e do amparar
As almas que procuram equilíbrio
Paz e alívio
No Centro Espírita Pai Jeremias
Com passes, ervas, velas,
Músicas, pontos riscados
Ouvindo cada coração,
Prosegue encarnando
A religiosidade afro-brasileira,
Por caridade e amor.
Aos oitenta anos,
Esta mãe
Continua gerando
Filhos de fé.

GLEICE FERREIRA

*“No rebento de mim
Derramo vida em solo fértil”*



GLEICE FERREIRA



Tenho profunda ligação com as palavras, com a poesia. Leitora de contos e poesias, me entrego a elas. E assim, a cada dia, me torno mulher. Escrever é como me agarro à uma prece.

Ana

Sou anciã de pele acobreada
Roceira, com os pés fincados no chão
Acocorada no meio do terreiro
Parindo o tempo.
No meu patuá carrego alho
Contra egum que
Me protege de quebranto
Sem preconceitos brado o meu canto ancestral.
Sou mulher que carrega água de poço na lata enferrujada.
Sobre a cabeça uma rodilha de chita
Gotas d'água caem pelo caminho
No rebento de mim
Derramo vida em solo fértil.



JEOVÂNIA P.

*“Me livra dos males
Alivia minhas dores”*

JEOVÂNIA P.



Jeovânia P. é poeta, escritora, professora, mestre em Filosofia. Livros individuais publicados: “Palavras Poéticas”; “Poeticamente Entre Versos & Bocas”; “A-M-O-R”; “Quem abriu a boca da pedra”; “Re[s][x]istência” e “Na estrada da poesia”. Coletâneas que organizou: “O Livro das Marias”; “O Livro das

Marias II”; “Escrituras Negras_ A Mulher que Reluz em Mim”; “Escrituras Negras II_ As Marcas”; e-book “Sinergia”.

Princesa das ervas

Seu cheiro me entra pelos poros
Pela boca
Pela pele

Me livra dos males
Alivia minhas dores
Refresca até os meus ouvidos

Quando ouço os passos dos seus pés
E toco em suas folhas molhadas
Esse veludo que há em você
Distorce meus sentidos

Confundo a princesa das ervas
Com as próprias plantas que você cultiva



JOJO CAMPOS

*“Bote a tupiçaba pra
molhar
Tua mão pra abençoar
Que tem muito menino
pra rezar”*

JOJO CAMPOS



da ArtJovem LGBT.
LGBTQIAP+ da RAA.

Jojo Campos é escritor, poeta e contista. Discente de Licenciatura em Ciências Sociais (UFMA) e bolsista da Escola de Liderança para Jovens Afrodescendentes da América Latina e do Caribe (EscuelAfro). Atua como coordenador estadual da ArtGay e diretor de pessoas com deficiência. É membro do GT Negritudes

Dona Chica

De Santa Luzia do Paruá
Dona Chica de Ribamar
A rezadeira
Dia de quinta feira
Veio aqui em casa rezar

Devota e abençoada
Senti a borrifada molhada
Do galho de vassourinha
Murchando a tesourinha

Ô pikenô saliente
Seja obediente
Que Dona Chica
Veio te curar

A médica de Deus
Cumadi dos filhos teus
Faça esse pikenô sorrir

Preta velha do povo
Traga a fome de novo
Mainha quer me ver cheinho

Com o sorriso dengoso
Agradei o docinho saboroso
À madrinha que me curou

Dona Tieta

Ô Dona Tieta
Me dê a sua mão
O que tenho a dizer
Juro que não é em vão

Primeiro, me dê a bença
Que prazer te encontrar
O povo quer a sua presença
Tem muito menino pra rezar

Lá na casa de Toinha
Tem dois bulachão te esperando
É humilde, mas é de bom grado
Pra senhora que vive curando

O povo só tem a agradecer
À preta das ervas do povoado
Salve, salve, Dona Tieta
Me dê um abraço apertado

Bote a tupaçaba pra molhar
Tua mão pra abençoar
Que tem muito menino pra rezar

Painho, guarde Dona Tieta
Nossa velha guerreira
Que tem muito menino pra rezar

Vovó Maquita

Vovó Maquita!
Chegaram visita!
Vieram lhe procurar!
Mais um menino magrinho pra curar!

Vovó Maquita!
Chegaram visita!
Vieram lhe procurar!
Mais um roceiro querendo almoçar!

Vovó Maquita!
Chegaram visita!
Vieram lhe procurar!
Mais uma lavadeira precisando de chá!

Vovó Maquita!
Chegaram visita!
Vieram lhe procurar!
Mais uma tia implorando pra casar!

Vovó Maquita!
Chegaram visita!
Vieram lhe procurar!
Mais um vizinho trazendo os frutos do pomar!

Vovó Maquita!
Vovó Maquita!
Chegaram visita, vó!

JULIA D'OXUM

*“Perdida entre a cruz e a encruzilhada
andei, cai, me machuquei
e no caminho
meu pai Oxossi, avistei”*



JULIA D'OXUM



Estudante de escola pública a vida toda, de Piracicaba - SP, preta, graduanda em ciências sociais pela UFSCar, antropóloga da religião, meus interesses de pesquisa dentro das religiões de matriz africana são acerca da mediunidade, espiritualidade e sacrifício animal e, apesar de ser da Umbanda, mas não estar na Umbanda, graças ao Ilé Asè Bessém Araka N'ifá Òjé-Terreiro dos Ancestrais e Caboclo Pena Preta, pude encontrar meu caminho dentro da antropologia e poder viver e pesquisar a religião.

Os Orixás no meu caminho, o caminho que eu trilhei

O caminho que eu trilhei ao chegar na nova família
ainda pequenininha
não foi fácil,
Oxum estava lá.
As feridas que meu corpinho carregava se curaram
Foi Iemanjá.

O lírio, a cachoeira
é d' Oxum
As águas que lavaram meu corpo
minha alma
meus sonhos
Foi Oxum.

A bíblia colocada diante de mim,
e Jesus
A encruzilhada que trilhei,
foi Exu.

Da intolerância que preguei
do mesmo me machuquei
Nas ruas da cidade
meu corpo afro demonizado
no caminho de casa,
Ogum estava.

Nanã me visitou,

incorporou
me abraçou

Perdida entre a cruz e a encruzilhada
andei, cai, me machuquei
e no caminho
meu pai Oxossi, avistei

Atabaque, vela, adjá,
marafo e café
do altar
pro congá
Trilhei com fé o caminho de amanhã
meu orí de Oxalufã
Na sexta-feira, o branco
Canjica e boldo
a sabedoria alcanço

Alecrim, arruda, guiné e alfazema
banho de ervas, o apoeima

Kaô Kabecilê
Arroboboi
Eparrei
Atotô
A todos os Orixás no meu caminho
o caminho que trilhei
desisti
voltei.

LILIAN SANKOFA

*“Sorriso de menina preta
escondido é igual pétala de
rosa quando cai
Se vai com o vento e some
com o tempo”*



LILIAN SANKOFA



Professora da rede pública estadual do estado de São Paulo, ex- MC do grupo de rap Sankofa, poeta, militante do Coletivo Revolucionário Josina Machel, mãe preta e resistente contra as opressões do Estado.

Menina bonita cadê seu laço de fita?

Sorriso de menina preta escondido é igual pétala de rosa quando cai

Se vai com o vento e some com o tempo

A pele escura da menina preta

O cabelo crespo da menina preta

Menina bonita cadê seu laço de fita?

O espelho reflete o que a alma repele

Não enxerga o seu ser, o seu amor por si

Vive sonhando com outro rosto no lugar do seu,

Outro cabelo sem ser o seu, outro ser, ser em outra

Não se espante se alguém comentar, você vai voar

Não estará só, sei que irá alcançar seu bem maior

Você

Menina bonita cadê seu laço de fita?

O cabelo que carrega é como uma coroa de princesa

Tem um brilho natural, como ele ao natural

Vive a crescer feito raiz de Baobá

Não chores menina és linda como um girassol

A flor mais linda do jardim

Pegarei a mais bela e como um arranjo enfeitarei seus cabelos

Tão soltos e fortes como a história que carrega

Não está só menina bonita

Menina bonita do laço de fita

Não se sinta só, pois carrega consigo a beleza e a força de nossas avós!!!

MARCINHA COSTA

*“Mãe preta que gera
é a cuidadora
curandeira
que cura nossas feridas
abertas”*



MARCINHA COSTA



Professora da Rede Municipal de Ensino (Feira de Santana- Ba). Especialista e Mestre em Estudos Literários (UEFS), com ênfase em literatura africana de língua portuguesa. Estuda a literatura moçambicana da escritora Paulina Chiziane. Publicou o livreto "Vida Gigante" (2014). Possui poema publicado na Antologia poética intitulada "Outros riscos", livro resultante do prêmio Damário Dacruz de Poesia (2014). É membra do Conselho editorial da Revista África e Africanidades.

A dona das ervas

A mãe preta que gera
é aquela velha senhora
parideira de saberes
que vem da natureza

A mãe preta que gera
tem no útero
corrente de água benta
banhando seus filhos
e entregando-os ao mundo

A mãe preta que gera
é a benzedeira de todas as horas
Nas suas mãos a enfermidade
e o mau olhado
vão embora

A mãe preta que gera
colhe histórias de vida
carrega memórias
e faz delas uma porção de
maceradas ervas

A mãe preta que gera
é aquela que muito
sabe das plantas
das folhas certas

das bênçãos
e das rezas sem pressa

Mãe preta que gera
é a cuidadora
curandeira
que cura nossas feridas abertas

É ela a dona das ervas

MARIANA FERNANDES DOS SANTOS

*“Com os seus mais velhos e
iguais aprendeu a preparar
as ervas com as mãos em
águas”*



MARIANA FERNANDES DOS SANTOS



Filha de Dona Nalva e Mãe de Ana Flor. Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA). Mestra em Estudo de Linguagens (UNEB). Especialista em Literatura Africana, Indígena e Latina (UNIBF). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (FACSA-BA).

Especialista em Educação a Distância (UNEB). Possui graduação em Letras-Vernáculas (UNEB) e em Pedagogia (UNIBF). Docente do IFBA. Professora permanente do Mestrado PROFEPT/IFBA. Colunista da revista *África e Africanidades*. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadoras/es Negras/os (ABPN). Membro da Associação de Linguística Aplicada do Brasil. Membro do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica - OIIIIPe. Membro da Rede de Pesquisadores Negres de Estudos da Linguagem (REPENSE).

Das ervas à vida

Ela aprendeu bem pequena a importância das ervas e das águas na sua vida

A água foi colo desde o ventre da sua concepção

As ervas, as folhas sempre foram sua cura

Começou com a benzedura de folhas das mãos das mais velhas

Sentiu o cobertor das águas e das rosas no corpo bem pequenina por ensinamentos maternos

As folhas abriram seus caminhos para reconhecer seu ori (cabeça)

Ori que acalma, equilibra e orienta quando as folhas acariciam

Ela aprendeu com a sua mais velha sobre cuidar com as folhas

Hoje ela cuida das suas mais velhas e das mais novas com as folhas

Com os seus mais velhos e iguais aprendeu a preparar as ervas com as mãos em águas

Banho de folhas no pote, no balde, folha passada no corpo

Aprendeu que das terras, das águas, dos tempos as ervas fazem nascer vidas

Passou a lutar com as folhas e por Elas

A enfrentar as dificuldades com as ervas na mão e no ori

Ela aprendeu a repousar e a renascer com as ervas

Entendeu com as folhas de onde veio e com quem deve continuar a caminhar

Das Ervas Ela é vida

MAZA DIA MPUNGO



*“Me agarro as raízes
para que as minhas
raízes estejam firmes e
saudáveis”*

MAZA DIA MPUNGO



orientadora, desejosa de plenitudes e escritora por necessidade.

Sou Maza dia Mpungo e também sou Daniela Oliveira Francisco. Filha, irmã e tia. Nascida e criada no extremo sul da Cidade de São Paulo. Mulher preta, solar, apegada a ancestralidade, iniciada no candomblé Congo Angola, pedagoga, atuante e militante da educação pública, orientada e

Parir

Venho cultivando brotos para saldar a vida,
Zelando para que sejam abundantes e não falte a mim e aos meus.

Cultivo sementes, brotos, mudas, amores, esperanças e amorosidade

Afago meu arado

Acaricio a terra parida

Rezo a colheita

Descanso nos veios da roça

Em cada broto que rompe da semente, o sopro da vida se refaz

Me agarro as raízes para que as minhas raízes estejam firmes e saudáveis

Invoco mães ancestrais, elementares, sábias mulheres, povos de outros tempos.

Chamo para bendizer a vida quem veio antes e quem ainda não chegou.

Bendigo a terra parideira de vida.

Chamo a água abundância de benção

Rezo ao ar sua leveza de ser

Clamo ao fogo o calor necessário pro germinar

Venho cultivando os brotos para salvar a vida.

RICARDO LUIZ DA SILVA FERNANDES

*“Planta que vem da energia
da favela*

*Planta de Canudos
Que precisa ser vista
Além da guerra [..]”*





RICARDO LUIZ DA SILVA FERNANDES

Professor do Ensino Básico da SME/RJ, escritor, poeta, mestre em educação na linha de políticas públicas, pesquisador de Alfabetização (alfabetizador), criador da Pedagogia de Favelas (metodologia de ensino centrada

na cultura das Favelas brasileiras), produtor e responsável técnico de materiais didáticos da SME/RJ, premiado por sua atuação em escolas públicas pelo Conselho Municipal de Educação (Medalha carioca de educação) e pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro (COMDEDINE) e produtor de conteúdo antirracista para universidades brasileiras.

Ela's que cura

Vai lá no barraco dela,
Leva suas crianças,
e deixa que ela cumpra a missão destinada:
Proteger a erêzada e oferecer cura.
Ela pega um manto de erva na sua mão!

No hospital você é maltratado,
sua criança nem é tocada,
mas lá no chão de barro,
você recebe aquele abraço de verdade
e senti o bater do coração de
Dona Ana,
Joana
ou Ceição.

Ali naquele peito,
Mora a liberdade!
Aquele que não foi conquistada
O poder do quilombo,
Um grito de libertação.
Abraça sempre dos dois lados,
Ombro com ombro.
Sente o arrepio daí,
Irmão?

Ali mora o grito da mãe
Que diz para o policial:

Não toca no meu filho
não!
Ele é trabalhador,
é estudante
e não merece
essa humilhação!

É no banho de ervas
Daquelas que
crescem no quintal
emaranhado,
entre a pitangueira,
o cajá,
a mangueira,
a aroeira
e o pé de mamão.

Planta que vem da energia
da favela
Planta de Canudos
Que precisa ser vista
Além da guerra
Na acolhida de criar um novo lar
Entre os seus,
irmãos.

Nas folhas tem o axé
de quem madruga
todos os dias

Sem ser valorizado e
Não recebe o preço justo
Para comprar seu pão
Só recebe cobrança
E regra do patrão.

Dona Joana em seu cachimbo
joga fora
manda embora
O olho gordo
Que desde a abolição
Acha que é dona dos nossos caminhos
E do suor de nossas mãos
Não são donos
A liberdade vem da Arruda
e da erva de São João.

Quando menino
Nenhum médico para minha asma
Tinha solução.
Não dormia, sufocava e
Todo dia morria na agonia
De não ter respiração.

Num casebre de madeira,
Com pouca telha
Colares brilhantes,
Guias que eu não entendia
Me deram um pozinho

e novas regras de alimentação
tive que parar de comer o veneno branco
aquela dos navios europeus,
açúcar, corante
só podia comer o que vinha da terra
e que dela se alimentava
limpar meu corpo para curar o pulmão.
Fiz tudo que ela me ensinou
Meu ar voltou ao normal
E do peso do meu peito me livre
Respirei

Ao escrever esse texto
Agradeço ao cuidado
Das vovós que colocaram
Em minha cabeça suas mãos,
A bênção!
E me fizeram um homem feito, ciente e ligado
Na força da raiz.
Gratidão!
Na voz cantada de quem diz:
Que Oxalá te proteja!

E no poder que um chá
Macerado tem para
A vida do povo preto.
Bebê tudo sem reclamar,
Mesmo se amargar.

Se as mulheres
Que conversam com as ervas
Tivessem no poder,
Porque poder elas já possuem.
Hoje já teríamos vacina,
Cuidado, afeto e alimentação.
Nenhuma criança ficaria sem cuidado
E toda mãe teria noites tranquilas
Vendo suas crias correndo na favela
Respirando sem opressão!

VANESSA CAROLINE SILVA SANTOS

*“[...] ouça suas mais velhas
que chegaram até aqui
com saberes notórios
e proteja seu orí [...]”*



VANESSA CAROLINE SILVA SANTOS



Poeta escritora de Jequié/BA, 29 anos. Candomblecista. Graduada em Letras pela UESB. Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). Suas pesquisas e escrituras giram em torno de Relações Étnicas e Raciais. Poeticamente falando, busca

constituir Contreguns Literários com sua escrita marcadamente contra-hegemônica.

No tabuleiro da africana tinha mais que akará

Você se lembra das nossas mães ancestrais?
carregando na cabeça seus adornos
panos de cabeça
turbantes e torsos
rodilhas
tabuleiros
e orixás?
Pelas ruas com seus gritos de guerra
disfarçados de doces canções de vender quitutes?
vestidas em branco e ouro
te carregando nas costas como um tesouro?
ornando o pescoço de contas
fazendo contas para pagar contas
segurando as pontas da casa
seu homem, suas crianças
as vezes só as crianças
e outras irmãs também africanas
Lembra das Iyalodé²¹
na base do segredo,
construindo sociedades secretas
de mulheres sem medo
mulheres pretas, sim, compradoras de alforrias,
dando liberdade pra suas crias

²¹ Posto referente à sociedade das iyalodés, sociedade de mulheres, que também é posto de Oxum.

Algumas delas nós nem lembramos o nome
muitas delas só deixaram o exemplo de bravura
nas plantações,
mulheres cortadoras de cana
cantando vissungos
cantando pra chamar
mulheres africanas
fazedoras de acaçá²²
no tabuleiro da africana²³,
tinha muito mais que akará²⁴.
Conheço essas histórias e outras,
mas elas não foram fáceis de encontrar
Há pelo menos duas educações:
aquela que te dão e aquela que você deve se dar
Na que te dão, dificilmente verá
nossas ancestrais com a devida realeza
Na que você der a si mesma já é diferente
verá assim em tudo um pouco da gente
O legado de reis e rainhas
articuladoras de Levantes
Malês²⁵ que o diga

²² Iguaria africana feita à base de farinha de milho branco (ebô) e enrolada em folha de bananeira.

²³ Longe de se tratar de uma essencialização de mulheres africanas com etnicidades diversas, uso o termo africana para me referir a uma identidade diaspórica que comunga da maafa como interrupção e holocausto de pessoas negras em diáspora forçada.

²⁴ É o bolinho feito de feijão fradinho e frito no dendê que hoje compõe o acarajé.

²⁵ O Levante do Malês aconteceu em 1835 em Salvador e contou com a presença e estratégia das africanas vendedoras de ganho que, além de vender

E na sua cidade, como isso fica?
Lembremos das Iyalodé
percebam que seus passos nos alcançam
peço ajuda a elas para nosso processo de reencontro, de
deseducação
Há pelos menos duas educações
aquela dada a você
aquela que você pode dar a si mesma
faça a segunda e reveja a primeira
Obra seu ojú²⁶,
ouça suas mais velhas
que chegaram até aqui
com saberes notórios
e proteja seu ori²⁷
turbante é mais que acessório
Do tabuleiro das africanas
ao restaurante de Filhinha da feijoada²⁸
conhecimentos
saberes
intuição
discernimento

suas iguarias pelas ruas, cumpriram a função de passar recados e informações sobre a organização do levante. O termo “malês” refere-se à origem da maioria dos participantes, africanos islamizados também chamados de “mussurumim”.

²⁶ Expressão em yorubá que significa olho ou face.

²⁷ Entidade representada na cabeça humana. Representa a individualidade e o destino de cada pessoa.

²⁸ Filhinha da feijoada/Dionília Gomes (em memória) foi uma quituteira, dona de comércio no Mercado da cidade de Jequié, no sudoeste da Bahia. Sua feijoada, hoje com mais de 50 anos de tradição, é a mais antiga da cidade, sendo o restaurante ainda administrado por suas filhas, Nilzete e Liu Gomes.

legado
tudo que eles acharam que
nos haviam negado.

SHIRLEY PINHEIRO

*“Aprende com tempo,
como usá-las para cada dor,
cada ferimento, cada
ansiedade presa no peito”.*





SHIRLEY PINHEIRO

Nasceu em Curitiba, escreve desde sua infância. Formada em Estudos Sociais, Especialista em Trânsito, Pós-graduada pela PUC. Participou de várias antologias, tais como: Poetas Malditos (2015), Conexão III (2017), Conexão IV (2018), Conexão V (2019), Conexão VI (2020), Parnaso Poético II (2018), Parnaso Poético III (2019), Mulherio das Letras Portugal, Comemorativo ao Dia Internacional da Mulher (2019), Mulherio das Letras Portugal (2019), Conexões Atlântica, Brasil /Portugal (2018). Em 2018 lançou Mercuria, seu livro solo pelo Coletivo das Marianas e em 2020 participou do E-book Tuira pelo Coletivo das Marianas, em parceria com a UTFPR. Participou da Coletânea Escrituras Negras I e II (2020 e 2021), Livro das Marias II (2020), Coletânea Florbela (2020), Coletânea Mulher&Poesia: empoderamento da Mulher (2021), E-book Mercuria pelo Coletivo Marianas, a venda pela Amazon (2021), Antologia Enluaradas (2021), Quan Sacee Cour, Coletânea pelo Coletivo das Marianas (2021), Parnaso Poético IV (2021). Faz parte dos Coletivos Marianas, Enluaradas, Vozes Escarlate. Seus livros podem ser adquiridos com a própria poeta, através de seu e-mail Shirleyps55@hotmail.com.

"Escrever é uma maneira de continuar viva, na retina de quem a lê."

Ancestralidade que cura

Cedo pula da cama. Levemente passa um pente nos cabelos.
Aquele avental amarra na cintura e, sai respirar a brisa pura.
Depois olha longamente a sua volta em reverência junta as mãos.
Olha para o céu, um suspiro invade seu peito.
Balbucia uma oração em silêncio, em respeito. Pronto está feito.
Inicia sua jornada por entre tantas ervas plantadas e sagradas.
Colhe uns galhos de alecrim, umas folhas de alfazema.
Passeia por entre os galhos do capim limão, olha longamente pro pé de arnica,
com suas pequenas flores amarelas e conversa um pouco com dona Arruda.
Passa levemente as mãos no comigo ninguém pode.
Pensa.... Vai usá-lo em outra ocasião. Hoje não!
Procura através do olfato, onde está o manjericão.
Surpresa! Não é só tempero, não! Também tem serventia como erva curandeira.
Falta o Guiné e, uns galhinhos de erva doce. Deita todos no seu braço.
Faz referência em agradecimento as ancestrais por uns momentos.
Aprendeu com tempo, como usá-las para cada dor, cada ferimento, cada ansiedade presa no peito. E, que basta buscar os ensinamentos deixados pelas que já se foram.
Tinha ali naquele espaço, tanta riqueza plantada.
Pra trazer curas ao corpo e, a alma cansada.
Adentra então a casa com o pensamento em ebulição.
A jornada realizada por entre as ervas a revigora.
Novamente em prece silenciosa pelos ensinamentos adquiridos e, deixados por suas ancestrais do passado.
Sussurra em forma de gratidão um muito obrigado!
Entre tantas ervas curandeiras fizera o seu reinado.

Não era reino com valores materiais e, sim de conhecimento para usar como unguento para as dores do corpo e da alma. Pra que riqueza maior!

VALÉRIA BARBOSA

*“Yá Kandinda sentiu o vento
tocar cada folha, viu-as
descer lentamente ao solo
sagrado”.*



VALÉRIA BARBOSA



Valéria Barbosa, pedagoga, graduanda em Letras, 63 anos, 3 filhos, trabalhou durante 47 anos na Cidade de Deus Rio de Janeiro, com projetos socioculturais para crianças, idosos, jovens e suas famílias. É poetisa, compositora e cantora, 4 livros editados: 200 Gritos por Liberdade; Coração

Preso – Na Cômoda da Incomodada vida; Os Grandes Mestres Guardiões da Cidade de Deus – Fazedores de Destinos e Guerreira. Têm três álbuns musicais autorais, África no Sangue; Caminhos Abertos, Axé e Oceano em Mim. Gestora e Idealizadora do Sarau na Favela. Assinou no dia 9/6/2021 contrato com a firma Italiana La Matta TV do álbum Oceano em Mim desde então as suas músicas estão em diversas plataformas musicais do mundo.

Dr Ossain

Yá Kandinda a caminhar pelo terreiro pensou na dor de seu irmão.

Olhando o tapete de folhas que se estendia no caminho, fez uma oração de louvor

Pedindo a cura ao grande curador.

“O sol ilumina o firmamento

Aquecendo as nossas vidas

Com a sua luz

Com o seu calor.

Tocando cada folha da floresta

Com os seus raios faz a festa,

Beija a seiva e a flor.

As folhas com a sua força

Faz a cura

Dentro desta grande flora

Cada folha tem função,

Na cor, no aroma e no gosto

Esta erva ao quinar

Vira bula de doutor.

Quem receitou esta erva

É doutor.

Quem receitou esta erva

É um grande curador.

Quem receitou sabe o que faz,

a dor tratada é curada não dói mais.

Quem receitou sabe o que faz

Foi pai Ossain com o axé dos orixás.

Ossain prepare as ervas pra curar, “Ossain... Ewé Õ...Ewé ASSÁ. Ossain”.

Yá Kandinda sentiu o vento tocar cada folha, viu-as descer lentamente ao solo sagrado, as colheu, quinou uma a uma e fez o chá das ervas santas para a cura abraçar ao seu irmão.

Agora na fé se fará o axé.

